

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

LUGAR DE
MEMÓRIA



**Eles foram importantes em seu
tempo e, hoje, ainda são.**

Prefeitura Municipal

ARAXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento
2001-2004



920
1978
EX. 2

LUGAR DE MEMÓRIA

Araxá - MG
2001



Prefeitura Municipal

Antônio Leonardo Lemos Oliveira

Vice-Prefeito

Abdalla Elías Neto

Presidente da Câmara Municipal

José Cincinato de Ávila

Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto

Magaly Cunha Porfírio

Coordenadora do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Supervisora de Arquivos

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Coordenadora do Setor de Patrimônio Cultural

Maria Dulce Ávila de Aguiar

Supervisora de Museus

Regina Aparecida de Oliveira

Ficha Catalográfica:

Fundação Cultural Calmon Barreto
F971 Lugar de memória Araxá, 2001.
114. ilust. 21cm.

1. Araxá-biografias 2. Araxá-história
I. Título

CDD-920

CDU-92

Índice para catálogo sistemático (CDD)

1. Araxá: biografias 920

1. Araxaenses: biografias 920

Bibliotecária Responsável: Ana Maria Zago Vasconcelos

LUGAR DE MEMÓRIA

Projeto Original

Magaly Cunha Porfírio

1º Módulo

Espaço Permanente no Museu Histórico de Araxá - Dona Beja

Coordenação:

Maria Dulce Ávila de Aguiar

2º Módulo

Publicação do Livro de Biografias

Coordenação:

Glaura Teixeira Nogueira Lima

EQUIPE TÉCNICA

**Espaço Permanente no
Museu Histórico de Araxá - Dona Beja
1º Módulo**

Pesquisa

Glaura Teixeira Nogueira Lima
Maria Dulce Ávila de Aguiar
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
Silvana Aparecida Alves Borges Batista

Secretária

Keyla Barbosa Machado

Exposição

Projeto das vitrines: *Marcelo Gusmão Machado*

Montagem

Maria Dulce Ávila de Aguiar (coord.)
Regina Aparecida de Oliveira
Cecília Angélica Machado de Paiva
José Antônio de Ávila Oliveira
Cristian Gumercino Jerônimo
Domingos Sávio de Brito
Gabriel dos Reis Rosa
Luzia Aparecida Martins de Paula
Marcilene Ribeiro Nogueira
Maria América de Fátima Moura
Maria Aparecida de Castro
Raquel Costa Leão
Roseli Aparecida Silva Barcelos
Sueli Caetano da Silva
Tancredo Borges Guimarães
Vanilda Aparecida Moreira Gotelip

Apoio Cultural



Publicação do Livro de Biografias
2º Módulo

Pesquisa

Glaura Teixeira Nogueira Lima
Maria Dulce Ávila de Aguiar
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Pré-Produção de textos

Glaura Teixeira Nogueira Lima
Maria Dulce Ávila de Aguiar
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
Silvana Aparecida Alves Borges Batista

Texto Final

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Secretária

Keyla Barbosa Machado

Revisão

Antônia Verçosa

Planejamento gráfico e editoração
OUIDOR COMUNICAÇÃO ASSOCIADOS S/C LTDA.

Fotografias

Becherini e Gabrielli
Octávio Fonseca

Agradecimento Especial

José Pedro Pezzuti de Aguiar

Apoio Cultural

Prefeitura Municipal



ANTÔNIO LEONARDO LEMOS OLIVEIRA |
Prefeito Municipal |

Prefaciando um livro de biografias é uma grande responsabilidade. Antes de nos preocuparmos com o conteúdo literário e o visual da obra, toca-nos a subjetiva análise das pessoas nele destacadas. Foram elas que fizeram o passado desta terra.

E é em homenagem a elas que buscamos forjar, com a força do bronze, o nosso momento atual, sustentado nos exemplos, na sabedoria e nos ensinamentos de quem preferiu fazer a história ao invés de apenas contemplá-la. Os personagens aqui homenageados ousaram e realizaram.

Amaram o povo e, como prova desse amor, deram um toque especial nos períodos aqui vividos. Escreveram páginas na trajetória política, econômica, social, cultural, educacional e assistencial de uma Araxá que, sem eles, perderia muito do seu encantamento e do seu desenvolvimento.

Merece aplauso mais este projeto da Fundação Cultural Calmon Barreto. Que o livro de biografias chegue às mãos da juventude araxaense e se transforme em roteiro de ação para todos aqueles que vêem Araxá com os mesmos olhos brilhantes de entusiasmo com que esses cidadãos biografados fixaram o amplo horizonte de suas vidas. Curtam este belo trabalho. Ele fala direto ao coração.

Um abraço de quem cultua, admira e ama esta terra.

MAGALY CUNHA PORFÍRIO

Presidente da Fundação Cultural
Calmon Barreto

Este livro reproduz uma pequena parte do que está exposto na nova ala do Museu Histórico de Araxá – Dona Beja, ou seja, no “Lugar de Memória”.

Aquele espaço tem por concepção inicial ir perpetuando, com mais vida, a memória de nossa cidade ali retratada, principalmente, por objetos e coisas que pertenceram ou eram essenciais ao dia-a-dia das pessoas a que se referem. É memória em primeiro lugar, mas também reproduz, na medida do possível, a dinâmica da vida social de Araxá. O objetivo era e é esse: trazer para os nossos dias um pouco das pessoas que nos antecederam nestas ruas, praças, becos e lugares araxaenses. Eles foram importantes em seu tempo e, hoje, ainda são.

Não houve a preocupação de selecionar nomes ou sobrenomes. Não, isso não importou. Há líderes municipais e gente do povo. Mesclados na vida urbana se igualam em significado. São a nossa história.

A concepção de “Lugar de Memória” privilegia a dinâmica, ou seja, a cada espaço de tempo novas famílias, novos nomes serão acrescentados aos que já estão lá. Sem elitismos e sem demagogia ali irão tendo entrada os que representam a construção social e urbanística de Araxá. O grande mosaico do tempo araxaense está iniciado, está em construção. Toquemos a obra!

Este livro irá permitir um rememorar acessível a todos os que prezarem nosso passado. Vivam eles aqui ou alhures. Dele advirão reparos e sugestões, sempre bem-vindos. Dele nascerão admiração, carinho e zelo pelas “gentes araxaenses” nascidas ou não, aqui. Os que têm o espírito da terra de Beja são daqui. Eles nos querem e nós os queremos.

Este é o livro que registra a primeira etapa do “Lugar de Memória”. As etapas seguintes virão, uma a uma, trazendo para o relevo do grande mosaico, novos araxaenses do passado.

GLAURA TEIXEIRA NOGUEIRA LIMA
Setor de Arquivos, Pesquisas e
Publicações

As biografias têm ocupado um lugar privilegiado nos estudos de história. Há uma forte tendência, atualmente, em retornar a este tema que, por algum tempo, ficou esquecido.

Assim como cientificamente é oportuna uma publicação dessa natureza, a abordagem biográfica é um manancial de que dispomos para o conhecimento histórico e a construção da nossa memória.

Percorrendo os caminhos dessas histórias pessoais, inseridas no universo da comunidade, podemos formular uma representação de Araxá através de alguns dos seus moradores.

Os textos aqui reunidos foram produzidos a partir de um roteiro de pesquisa dirigido às famílias dos cidadãos eleitos pelo trabalho que fizeram e pelos dons que desenvolveram.

A análise dos depoimentos prestados — por escrito ou oralmente — e da documentação doada à Fundação Cultural Calmon Barreto requereu tempo e técnica. Compilar os dados, cruzando-os com outras fontes dos nossos arquivos, foi essencial para entender as trajetórias individuais dos personagens.

Todos eles nasceram, viveram e morreram no período que vai das últimas décadas do século dezenove até o final do século vinte. Estão aqui colocados como sujeitos da história e não somente como pessoas que possuíram registros de nascimento, matrimônio e óbito.

No sumário está a relação de itens doados pela família ao Museu Histórico de Araxá – Dona Beja. São documentos e objetos de uso cotidiano que inegavelmente trazem imagens reveladoras de seus donos. O objeto é um novo e eficiente suporte para explicar e fazer entender a realidade passada. Ele pode e deve levar-nos à reflexão para tentarmos transformar o presente de forma positiva.

A expectativa é a de que muitos diálogos possam ser mantidos entre o leitor e a vida dos biografados. Esses se revelam por seus perfis, ofícios, crenças e atitudes. Suas experiências podem renascer no tempo, através de cada leitura.

Isso porque as biografias são fontes de pesquisa que sinalizam para a vida produtiva de Araxá, para o pensamento e a mentalidade vividos nos séculos em questão. A condição da mulher, os espaços ocupados pelos homens, a valorização dos saberes, o convívio da população local com os imigrantes e ou visitantes são aspectos que emergem das histórias apresentadas.

É possível refletir sobre as desigualdades sócio-econômicas, o cotidiano e a fé do povo araxaense. Das suas relações sociais e afetivas captamos informações preciosas quanto à genealogia.

Transformar essas vidas em um livro de biografias é ainda um meio de nos aproximarmos da nossa própria identidade. É o elo que nos une às nossas raízes.

***Onde está o verdadeiro
valor da história:***

*“... em inventar variações ingênuas
sobre um tema provavelmente
corriqueiro, em elevar a melodia
popular a símbolo universal e em
mostrar o mundo de profundidade,
poder e beleza que existe nela”.*

(Nietzsche)

Índice

ABRAHÃO ABÍLIO TANNÚS	25
Um par de óculos, um masbharah, um livro sobre a cultura libanesa e uma caneta <i>Parker</i> .	
ABRÃO JOSÉ BITTAR	27
Uma placa de prata.	
AGENOR BRAGA DE ARAÚJO	29
Sete quadros retratando sua vida familiar, política e profissional; um terço; um par de abotoaduras; a faixa de Juiz de Paz e um placa de granito com sua assinatura em bronze.	
AGNELLO VIEIRA ALVES	31
Uma opa da Irmandade do Santíssimo Sacramento.	
ALDOVANDO GUIMARÃES	33
Uma estufa de esterilizar seringas e um porta-seringas.	
ALONSO DE ÁVILA	35
Dois livros sobre medicina, um livro de meditação, duas fotografias e um porta-termômetro.	
ANTENOR AFONSO JÚNIOR	37
Uma caixa contendo várias fotografias e documentos de sua vida.	
ARACY PERFEITO PENELLO (Dona Chica)	39
Uma tesoura.	
ARMANDO BRITTO CASTRO	41
Um cachimbo.	
ARMANDO SANTOS	43
Vários documentos da firma Santos & Irmão e um documento pessoal.	

Índice

ASTOLPHO RODRIGUES VALLE	45
Um carro de boi.	
AUGUSTO EDUARDO MONTANDON	47
Uma máquina de escrever.	
CALIMÉRIO CUSTÓDIO GUIMARÃES	49
Uma ferramenta e duas fotografias.	
CARMOSINA GUIMARÃES	51
Um piano.	
CASSIANO DE PAULA LEMOS	53
Uma binga de prata, uma faca com cabo de prata, um guampo e um aparelho de barbear.	
CELSO AFONSO	55
Um móvel contendo 16 peças usadas na barbearia, uma placa e duas fotografias.	
CELSO DE CASTRO (Celso Alfaiate)	57
Uma almofada com dedal, uma ferramenta e um ferro elétrico.	
CLÓVIS CARDOSO JÚNIOR	59
Uma máquina de escrever, um peso de papel, um arco, uma fotografia e vários documentos.	
DANIEL HENRIQUE PINTO	61
Um chaveiro, o regulamento do <i>Grande Hotel Pinto</i> e um relógio de cabeceira.	
DOMINGOS ZEMA	63
Um livro, um cinzeiro e vários documentos.	

Índice

DONATO PINHEIRO DOS SANTOS	65
Um vidro de farmácia, um par de óculos, documentos e fotografias.	
DORALICE AFONSO DE AZEVEDO	67
Um histórico contendo dados de sua vida e uma fotografia.	
ELIAS PORFÍRIO DE AZEVEDO	69
Uma farda — com o quepe — da Banda Santa Cecília.	
EMÍLIO CARLOS PHILIPPINI	71
Uma maleta e uma estola.	
FERNANDO PAROLINI	73
Uma masseira de 1910, uma balança com 5 pesos e fotografias.	
FIRMO LADISLAU DOS SANTOS (Maestro Firmo)	75
Partituras.	
FRANCISCO DOS SANTOS	77
Uma fotografia.	
GABRIELLA PEREIRA GOULART	79
Uma cuia, uma peneira, um tacho de cobre, um tabuleiro, uma colher de pau e um porta-retrato com fotografia	
GARIBALDI CUNHA	81
Um conjunto de barbear contendo 5 peças.	
HELI FRANÇA	83
Um par de abotoaduras, um par de óculos e um livro.	

Índice

HÉLIO ALVES FERREIRA	85
Um boné em lã	
HERMANTINA E SALOMÃO DRUMMOND	87
Um leque, comendas ao mérito, uma tesoura, uma caneta e duas placas.	
JOÃO AFONSO TEIXEIRA (João Menino)	89
Um amolador de facas.	
JOÃO AMÂNCIO	91
Documentos e uma fotografia.	
JOÃO MÁRIO TALLARICO	93
Um lápis, uma caneta, um relógio de parede de 1910 e uma fotografia.	
JOÃO RIBEIRO DE SOUZA	95
Um pequeno baú contendo vários documentos e uma fotografia.	
JOAQUIM DE PAULA MACHADO	97
Duas urnas eleitorais, quatro objetos de uso no Cartório, um livro e uma fotografia.	
JOSÉ ADOLPHO DE AGUIAR	99
Um telefone de 1901 e uma xícara de chá com o pires.	
JOSÉ FLORÊNCIO DA FONSECA (Zeca do Alfredo)	101
Um vidro de <i>Gotas do Zeca e outro de Escorpeína</i> .	
JOSÉ FRANKLIN DE OLIVEIRA (Zequinha Marceneiro)	103
Dois mata-borrões e uma fotografia.	

Índice

JOSÉ GASPARE DE AFFONSECA E SILVA	105
Um solidéu, um porta-retrato com fotografia e dois álbuns retratando a sua vida.	
JOSÉ JACINTO (José Bagaceiro)	107
Uma bandeira dos <i>Santos Reis</i> .	
JOVINIANO BATISTA DE OLIVEIRA (Seu Jovi)	109
Um quepe da Banda Lyra Araxaense.	
JULIETA CARNEIRO DE PAIVA	111
Um relógio de parede.	
LEONILDA MONTANDON SCARPELLINI	113
Um violino.	
LÍDIA BRUNO (Madame Francesa)	115
Um chapéu e um par de luvas.	
LUIZ COLOMBO	117
Um crucifixo datado de 1873 e uma fotografia.	
MANOEL DE ÁVILA LEMOS (Nequinha Lemos)	119
Dois quadros religiosos, uma caçamba e fotografias.	
MARCOS TOMASOVICH	121
Uma cadeira de dentista.	
MARIA AUXILIADORA DE PAIVA	123
Uma mantilha em crochê e uma fotografia.	

Índice

- MARIA DA CONCEIÇÃO SOARES BORGES (Maria do Correio)** 125
Um broche com naipes, duas xícaras com naipes, um forro para bandeja com naipes, um alfinete com emblema do Correio, uma bolsa, um relógio de pulso, uma figa, uma medalha da Imaculada Conceição, um quadro, um crucifixo e cinco baralhos.
- MARIA SALERNO MELASIPPO (Dona Pequetita)** 127
Um diploma de corte e costura de 1927.
- MÁRIO DE CASTRO MAGALHÃES** 129
Um livro de sua autoria.
- MAX NEUMANN** 131
Um chapéu, um tapete, uma comenda e fotografias de 1940.
- MILTON TOMASOVICH** 133
Um aparelho de raio-X.
- OCTÁVIO FONSECA** 135
Uma máquina fotográfica.
- PEDRO PEZZUTI** 137
Uma máquina de escrever, dois livros de sua autoria e duas canetas.
- SEBASTIÃO DE AFFONSECA E SILVA** 139
Um armário onde guardava seu *arquivo histórico*.
- THEÓPHILO FERREIRA DOS SANTOS** 141
Um crucifixo, uma cuia, um canivete, dois talheres e um documento.
- WALDIR LUIZ COSTA** 143
Livros de sua autoria, fotografias e documentos.



ABRAHÃO ABÍLIO TANNÚS

(1904 - 1989)

Chegou ao Brasil em outubro de 1927, vindo da região de Akar, Síria, onde atualmente é o Líbano. Como escreveu em sua autobiografia, o motivo da vinda foi a “intolerância sectária e religiosa”, provocando “falta de espaço para a nova geração”. Confessou, ainda, que esta decisão sofrera influência de seu pai, Abílio Tannús, que aqui viveu entre 1913 e 1925. Sua mãe, Sofia Jorge Tannús, nunca esteve no Brasil. A família era composta de mais dois irmãos: Isaac e Yussef.

Na Síria, a partir dos 7 anos, foi aluno em uma escola russa. Os estudos foram interrompidos com o estouro da *Primeira Guerra* e retomados mais tarde, quando se matriculou em um colégio francês de Trípoli, cidade próxima a sua aldeia natal.

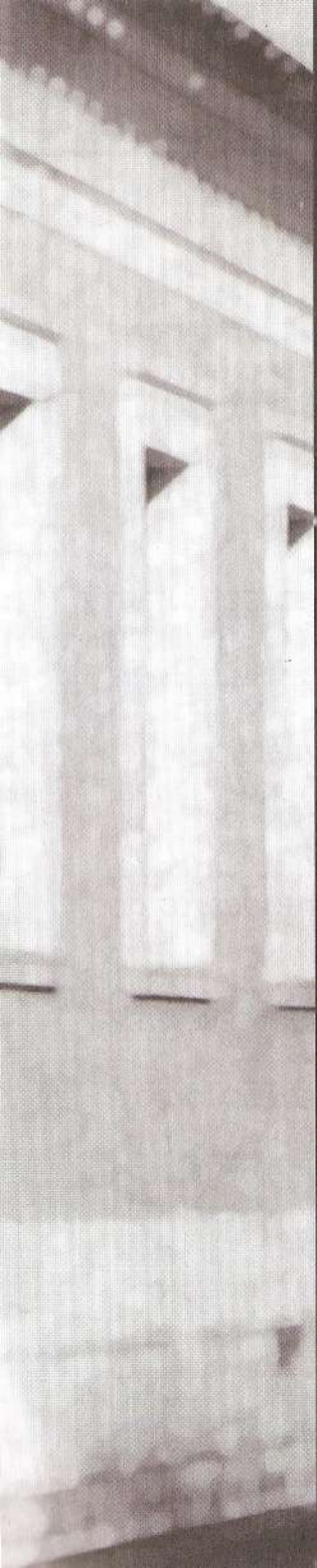
Como a maioria dos imigrantes árabes, dedicou-se ao ramo do comércio. Antes de chegar a Araxá, foi comerciante em Sacramento e na Estação de Santa Juliana, hoje, Zelândia.

Em Araxá estimulou a dinamização da vida comercial, criando a *Casa dos Retalhos*, a *Exposição Araxá*, a *Galeria Araxá* e a *Casa do Kibe*, todos como resultado do empreendedorismo da família Tannús.

Foi casado com Rafa Rage, a primeira mulher, e teve 6 filhos: Afis, Laila, Sofia, Faïçal, Fátima e Watfa. Viúvo, casou-se com Angelina Feres com quem teve uma filha, Isabel. Sandra Núzia, filha adotiva, completou a família.

Da condição de comerciante bem sucedido transitou para outras áreas como a literatura, o magistério, o jornalismo, a história e a assistência social. Escreveu artigos, colaborando com revistas brasileira, francesa e árabe; participou da criação e montagem da Biblioteca Pública de Araxá; foi membro-fundador da Academia Araxaense de Letras e, ainda, foi presidente do *Rotary Club de Araxá*.

Em reconhecimento às idéias e ao trabalho do intelectual e do empresário, a Câmara Municipal de Araxá concedeu-lhe, em outubro de 1972, o título de *cidadão araxaense*.



ABRÃO JOSÉ BITTAR

(1904 - 1979)

Ele e sua irmã, Rosa, órfãos desde crianças, nasceram em Aleppo, Síria. Para sobreviver, Abrão aprendeu vários ofícios e especializou-se no de sapateiro. Assumiu a responsabilidade sobre a irmã e dedicou sua vida a ela e aos sobrinhos: Josefina, Salomão, Ivone, José e Ivien.

Aos 22 anos emigrou para o Brasil, país distante e promissor, de que sempre ouvira falar. Enfrentou a realidade de São Paulo, mascateando mercadorias pela cidade e, depois, pelos interiores paulista e mineiro.

Mais tarde trouxe da Síria a irmã que, na capital paulista, se casou com Jorge Akel, também de origem árabe e, coincidentemente, natural de Aleppo.

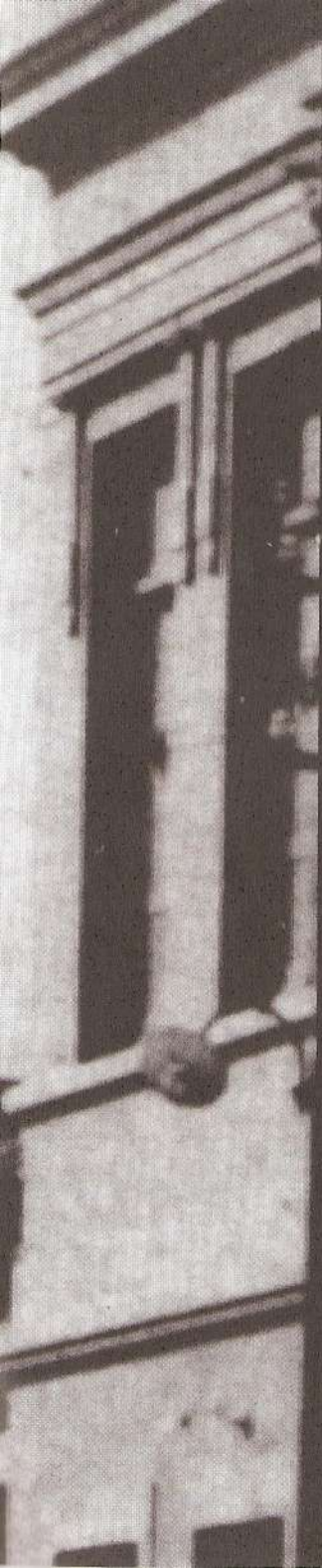
Por iniciativa de Abrão que conhecia e admirava Araxá, os três aqui chegaram em 1931, fixando-se definitivamente.

Os dois cunhados deram, então, início a uma sociedade, inaugurando a *Casa São Jorge*. Este estabelecimento cresceu, gradativamente, em estoque e clientela, até alcançar privilegiada posição na vida econômica e comercial de Araxá.

Abrão foi um homem habilidoso e bem informado. Apreciava a música clássica e sabia tudo que se passava no Brasil e no mundo, como ouvinte da *BBC* de Londres, da *Voz da América* e da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro.

Empreendedor, em 1954 construiu um arrojado prédio na rua *Boa Vista* que pode ser considerado um exemplar da arquitetura moderna de Araxá.

Desde 1947 foi membro assíduo da *Loja Maçônica Ação e Silêncio* à qual se dedicou e, por ela, foi considerado “um exemplo de maçom”.



AGENOR BRAGA DE ARAÚJO

(1894 – 1974)

Ele nasceu em Araxá, filho de Marciano José de Araújo e Maria Luíza dos Santos. A origem da família paterna remete ao Dom Rodrigues Anes de Araújo, proprietário do Castelo de Araújo, Cavaleiro da Casa Real Portuguesa e Dignitário da Ordem de Cristo e da Ordem de Avis, tendo seu brasão de armas desde 1275.

Pela linha materna tem origens espanhola e portuguesa. Seus antepassados estabeleceram-se nas terras de Araxá desde a colonização.

Em primeiras núpcias, com Francisca Porfírio (Fany), teve 12 filhos: Hélio, Maria Conceição, Oswaldo, Ênio, Célio, Júlio, Célia, Dalva, Carlos, Alda, Marlene e Henrique. Da união com Waldete Fontes, segunda mulher, nasceram 6 filhos: Ênio, Francisco, Fernando, Márcia, Isa, Evaristo.

Sua formação escolar, básica, contrastava com a sagacidade praticada nos negócios. “Era versátil na comunicação, elegante no vestir, valente nas adversidades e frágil ante a dor.”

Pioneiro no setor comercial, como sócio-proprietário da firma *Arnaldo Araújo e Irmãos*, foi um dos responsáveis pela edificação do Cine-teatro Glória, depois Clube Brasil e hoje, Casa do Poeta.

Foi correspondente do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais e *Banca Francesa e Italiana per L'América del Sul*.

Político conciliador, participou ativamente das campanhas pelo PSD (Partido Social Democrata) de Araxá. Elegendo-se várias vezes como Juiz de Paz, ao fazer um casamento, trajava-se com elegância, usava a faixa verde-amarela e a criativa oratória, conferindo imponência à cerimônia.

Dedicou-se à prática da religião, em especial à Irmandade do Santíssimo Sacramento da qual foi fundador e provedor.

Destacava o seu aniversário como o dia mais importante no calendário de sua vida e recebia os amigos em traje de gala, com mesa farta e ambiente alegre. Até hoje a família mantém estes encontros festivos com a realização anual da *Festa dos Braga*. Assim, na expressão dos descendentes, Agenor Braga de Araújo é homenageado como o “*Velho Guerreiro*.”



AGNELLO VIEIRA ALVES

(1895 – 1983)

Habilidade para lidar com números, ampla visão e controle mercantis são dotes pessoais que o menino Agnello praticou desde criança, trabalhando como funcionário do comerciante Manoel Galdino.

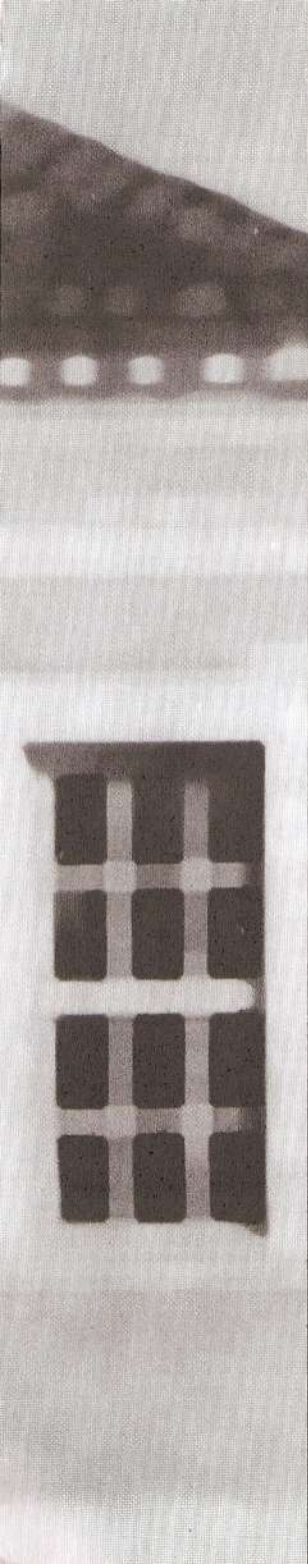
Nasceu em Araxá, filho de Francisco Vieira Alves e Lauviana Syrilla Barbosa. Seus irmãos eram Brasiliano Vieira Alves (agricultor), Maria Vieira Alves — Tota — (pioneira na fabricação de doce de amêndoas), Juvelina Vieira Alves Faria e Odon Vieira Alves (um dos primeiros dirigentes da Associação Operária de Araxá).

De personalidade tradicionalista e de extrema religiosidade, pertenceu à Irmandade do Santíssimo Sacramento, chegando a assumir, inclusive, a sua presidência. Nas cerimônias religiosas vestia-se com a opa e ostentava orgulhosamente as insígnias de “Irmão”.

Ao longo de sua vida dedicou-se à assistência social; foi *Vicentino* e, por muitos anos, dirigiu o *Asilo São Vicente*.

Casado com Affonsina Borges Vieira teve 6 filhos: Antônio, José, Orestes, Dinorah, Jacyra e Célio. Preocupou-se em transmitir a todos eles os valores do trabalho, da fé e da doação ao próximo.

Identificava-se intensamente com o meio rural e com o *Najá Futebol Clube*, mas no trabalho diário nunca dispensou o hábito de vestir-se com terno e gravata.



ALDOVANDO GUIMARÃES

(1920 – 1996)



Araxaense, suas origens familiares vinculam-se aos Porfírio Álvares Machado, aos Ribeiro da Silva, aos Botelho, aos Guimarães e aos Caputo, sendo este último o sobrenome de seu avô paterno italiano.

Filho de pai alfaiate, Avelino Custódio Guimarães, e de mãe quitandeira, Ana Porfírio, aos 7 anos já trabalhava na farmácia de seu tio, Sebastião de Affonseca e Silva, onde aprendeu a manipular remédios. Assim ingressou no ramo farmacêutico, atuando por mais de 50 anos. Antes de ter o seu próprio negócio — a *Farmácia Santa Terezinha*, no *Largo São Sebastião* — chegou a residir em antigos distritos de Araxá como Argenita e Santa Juliana. Nesses lugares percorria longos caminhos a cavalo, fazia partos e atendia os doentes.

Criado em ambiente de intensa religiosidade, logo cedo foi coroinha da Igreja Matriz de São Domingos. Aprendeu a tocar solenemente os sinos durante as missas e procissões e, na fase adulta, tornou-se um sineiro profissional.

Com o tempo passou a atender também a Igreja São Sebastião registrando, com as batidas dos sinos das igrejas, os momentos significativos do nosso cotidiano. Durante mais de 50 anos conciliou as atividades de farmacêutico e de sineiro, imprimindo-lhes fortes doses de emoção.


Casado com Iracema Duarte Guimarães foi pai de 8 filhos: Ana Maria, Aldovando Filho, Maria Cristina, Maria Inês, Maria Lúcia, José Gaspar, Avelino Neto e Flávio.

Os sinos das igrejas de Araxá repicaram ao mesmo tempo no dia em que morreu Aldovando Guimarães, o “*sineiro da cidade*”.



ALONSO DE ÁVILA

(1922 - 1969)

 família *Ávila* de Araxá tem sua origem — conforme relata o escritor Ângelo d'Ávila — no português Garcia d'Ávila, governante da Bahia durante o Império Português. Seus descendentes migraram subindo o rio São Francisco até suas nascentes. Nesta região estabeleceram-se como agropecuaristas e formaram famílias.

Alonso, filho de José de Ávila e Camélia Santos, nasceu em Araxá. Passou a infância na fazenda onde ele e seus 7 irmãos (Teresa, José Maria, Maria Aparecida, Ângelo, Sebastião, Maria Auxiliadora e Bernadete) iniciaram a educação escolar com professor particular. Em 1948 formou-se pela Faculdade de Medicina de Minas Gerais.

Na Santa Casa de Misericórdia de Araxá exerceu a medicina geral — clínica, cirúrgica e obstétrica — atendendo crianças e adultos. Ali introduziu o eletrocardiograma e a anestesia geral via intubação endotraqueal, procurando sempre o aperfeiçoamento na profissão.

No início da década de 50 detectou os primeiros casos de febre amarela e trabalhou incansavelmente para controlar a epidemia por meio da vacinação.

Era um *médico de família*, por excelência. De forma discreta praticava o bem social, atendendo diariamente os indigentes na *Santa Casa*, muitas vezes, custeando seus medicamentos.

Foi casado com Regina Santos de Ávila e teve 3 filhos: Caio, Ivete e Isabela. A filha Ivete, médica, exerce a mesma profissão do pai.

Para muitos, ele era portador de uma aura brilhante, sendo capaz de perceber, à distância, alterações positivas ou negativas no estado de saúde de seus pacientes.

A ele se atribuía o dom de uma força espiritual que confortava os seus pacientes com energia e paz.

No cemitério das Paineiras, o túmulo onde foi sepultado atrai pessoas que, através de orações, buscam conforto para seus males.



ANTENOR AFONSO JÚNIOR

(1911 – 1988)

Para identificar seus laços familiares, basta consultar as árvores genealógicas dos Afonso, Porfírio e Montandon, famílias pioneiras aqui radicadas.

Ele era o primeiro filho de Antenor Afonso e Henriqueta Montandon e irmão de José Geraldo, Geni, Irmã Tarcila, Graciette, Evaristo, Eduardo, Brasilina (Zizi), Paulo de Tarso, Agnaldo, Sebastião, Henriqueta (Lolita), Irmã Aparecida e Inês.

Aqueles que viviam em Araxá, nos anos 40 e 50, habituaram-se a ouvir o seu nome sempre associado ao do *Najá Futebol Clube*, time que ele ajudou a fundar, ao qual emprestou a letra inicial do seu apelido Nonô e se dedicou intensamente.

Antes de ser o *Nonô do Najá* atuou como jogador do Triângulo Futebol Clube. De jogador ele passou, mais tarde, à condição de um dos homens fortes do futebol araxaense.

Em 1943 fundou, ao lado de amigos, o *Nacional Futebol Clube*, posteriormente rebatizado como *Najá*. Esteve sempre à frente do clube que manteve suas atividades administrativas e técnicas até 1957. Após uma pausa, em 1975, Nonô chegou a trabalhar arregimentando as forças do *Najá* para fazê-lo renascer.

De características conservadoras, resguardou para o futuro preciosos documentos que marcam a história do nosso futebol.

Não viveu só de esporte ou de reuniões sociais e políticas com as quais sempre se identificou. Gostava de ler, de escrever e foi funcionário público estadual por mais de 45 anos. Ao aposentar-se recebeu seguidas homenagens, inclusive da Câmara Municipal de Araxá, como o mais antigo funcionário da Administração Fazendária local.

Aos filhos, Henry César e Nancy Henriette e à mulher, Zenaide, ele fazia questão de dizer que lhes deixaria, como legado, muitos amigos. O seu acervo pessoal, hoje guardado na Fundação Cultural Calmon Barreto, pode comprovar essas amizades.



ARACY PERFEITO PENELLO
(*DONA CHICA*)

(1909 - 1991)

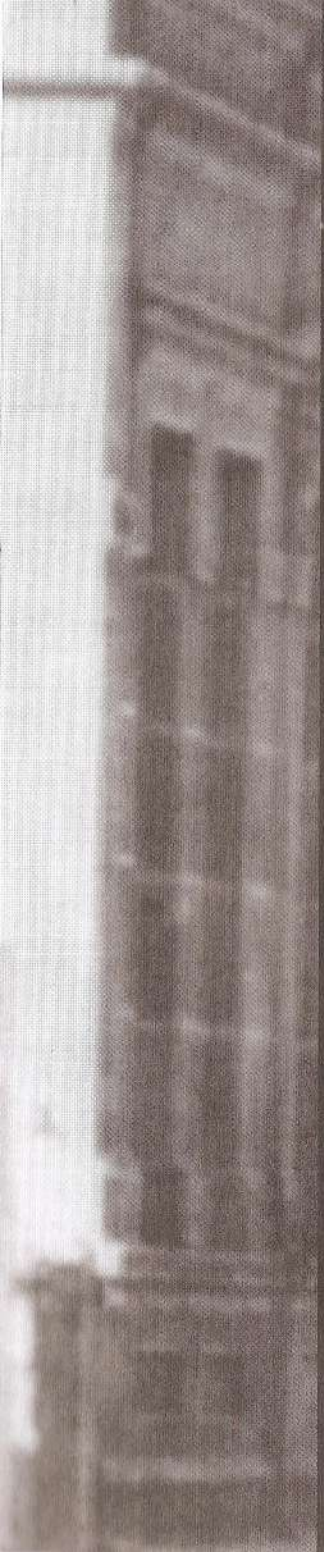
Popularmente conhecida pelo apelido *Chica*, associado ao sobrenome do marido, Francisco Penello, ela foi uma cidadã araxaense de espírito empreendedor.

Era filha de Theofredo Perfeito e Carmelita Lopes Perfeito. Órfã de pais desde os sete anos, fez o curso primário no Grupo Escolar Delfim Moreira.

Trabalhou incansavelmente desde muito jovem. Casou-se em 1925 e, três anos depois partiu de Araxá, rumo a São Paulo, para freqüentar um curso de cabeleireiros. Assim, pôde inaugurar um salão de beleza só para mulheres, com serviço especializado em corte e penteados.

Atenta às transformações que inovavam o mundo feminino, *Chica Penello* ampliou seus negócios ao abrir uma *boutique*. Em 1963 vendeu o salão, depois de 35 anos de serviços, dedicando-se exclusivamente à clientela de roupas, acessórios e perfumaria. Durante mais de uma década a sua loja, na *rua Boa Vista*, foi um ponto de referência da elegância e do bom gosto.

Embora não tenha tido filhos, foi a mãe dedicada de Lourdes, Cornélio e Maria Cristina.



ARMANDO BRITTO CASTRO

(1884 - 1975)

Era natural de Ouro Preto. Seu pai, Henrique Guilherme de Paula Castro, descendia de família portuguesa com atividades comerciais no Rio de Janeiro. A mãe, Josephina Francisca Maria de Brito, pertencia à família de formação acadêmica e artística.

Na Escola de Minas de Ouro Preto ele estudou engenharia civil, arquitetura e eletricidade. Dominava os idiomas francês, italiano e espanhol. A histórica cidade mineira, com as tradicionais serenatas, foi também o cenário perfeito para expressar o seu talento musical no piano, na flauta e no violão.

Especializou-se em eletricidade na *Siemens* e trabalhou na instalação elétrica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

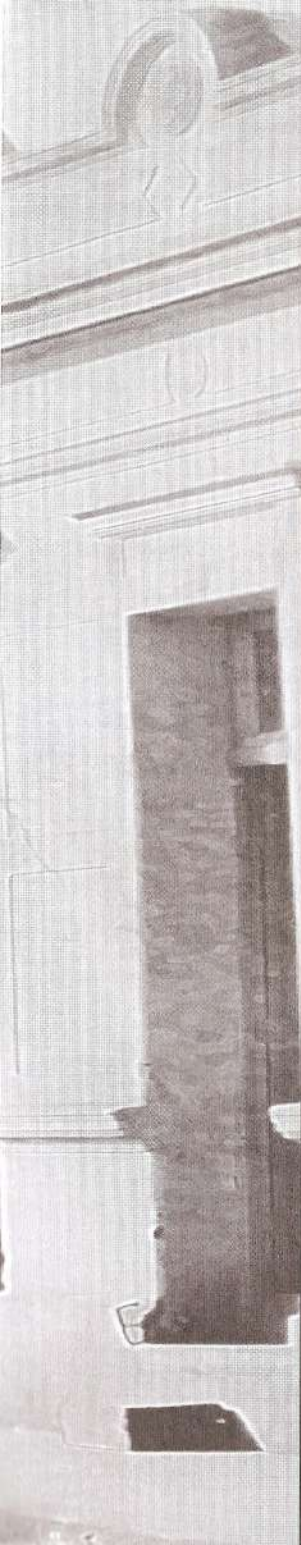
Entre 1909 e 1913 recebeu, da *Siemens*, a incumbência de projetar a instalação elétrica e a hidráulica de Araxá. Logo depois assumiu a gerência da *Força e Luz* de Bambuí.

A convite do então prefeito Raul Franco de Almeida — seu colega da Escola de Minas — foi nomeado gerente de *Luz e Água* de Araxá. Casou-se, aqui, em 1917, com Claudemira Ribeiro Borges, com quem teve 6 filhos, dos quais sobreviveram 3: Maria da Conceição, Geraldo e Henrique (Padre).

Como arquiteto projetou importantes exemplares da construção civil local, como a antiga residência de João Ribeiro (colégio CEM) e o Cine-teatro Glória, mais tarde, Clube Brasil (hoje, Casa do Poeta).

A alternância do poder provocada pela ascensão de Getúlio Vargas à presidência, retirou-o do cargo. Mudou-se para Uberaba onde continuou trabalhando na profissão. Anos depois foi requisitado pelo então prefeito de Araxá, José Adolpho de Aguiar, para orientar a solução de problemas de energia elétrica referentes à Usina Tamanduá.

Mesmo distante de Araxá, não perdeu o vínculo com a cidade onde deixou amigos e familiares.



ARMANDO SANTOS

(1886 – 1962)

Filho caçula de Francisco Veloso dos Santos e Júlia Carneiro dos Santos, teve escolaridade equivalente ao ensino primário através de um professor particular.

Casou-se em 1910, na Igreja Matriz de São Domingos, com Venina Machado Santos. O casal teve 15 filhos (José, Dalva, Maria do Rosário, Domingos, Luíza, Renato, Helvécio, Inês, Lourdes, Júlia, Cássio, Francisco, André, Aída e Maria Aparecida) e criou mais 4, adotivos (Efigênio, Manoela, Maria Rita e Olga).

Iniciou sua atividade comercial integrando a firma *Santos & Irmãos* a convite de seus irmãos, Francisco e Theóphilo dos Santos. Entre 1908 e 1938 os três irmãos comercializaram desde pé-de-moleque até automóvel. Na função de correspondente do Banco do Brasil, Armando viajava constantemente a São Paulo.

Tinha como *hobby* fazer política. Ao longo de sua vida pública fez parte do PRM (Partido Republicano Municipalista) até 1950. Assumiu o cargo de prefeito de Santa Juliana, em 1945, e por várias vezes compôs a diretoria da Santa Casa de Misericórdia, inclusive, como vice-provedor.

No universo religioso integrou a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a Irmandade de São Sebastião e a Associação São Vicente de Paulo.

A liderança nata o conduziu, ainda, à direção da *Corporação Lyra Araxaense*. Ao passar à frente de sua casa, a banda prestava-lhe homenagem executando o *Dobrado Armando Santos*.

Ao falecer deixou, como prova de sua personalidade carismática, algo próximo a 300 afilhados de batismo, crisma e casamento.



ASTOLPHO RODRIGUES VALLE

(1873 - 1936)

Os *Rodrigues Valle* incluem-se nos ramos descendentes dos Carneiro de Mendonça, ao lado dos Santos, Barreto, Pereira de Rezende e outros.

Gabriella Franco Carneiro, filha de pioneiros proprietários de terra e criadores de gado em Araxá, casou-se com Francisco Rodrigues Valle, tropeiro, que aqui chegou vindo de Prados (MG).

O casal teve nove filhos nascidos e criados na Fazenda Córrego Fundo. São eles: Alfredo, Astolpho, Ilídio, Adelina, Antônio, Anna Cândida, Jacinta, Adélia e Almira. O segundo entre os irmãos adquiriu prestígio pessoal como fazendeiro de sucesso, grande proprietário urbano e político atuante.

Com Luiza de Paula Carneiro Teixeira, sua mulher, teve três filhos: Sebastião, Adhemar e Carlos.

Na Fazenda Espírito Santo, de sua propriedade, chegou a criar 1200 reses, fabricando 6000 queijos por ano. Pela produtividade a mesma recebeu o título de fazenda-modelo, uma das melhores da região. Ao seu proprietário foi concedida a patente de coronel da Guarda Nacional.

A partir de 1919 ele passou a viver na cidade. Ingressou na vida pública e foi presidente da Câmara Municipal de Araxá num tempo em que a função reunia imensos poderes.



AUGUSTO EDUARDO MONTANDON

(1913 - 1990)



É membro da família Montandon radicada em Minas Gerais desde o início do século dezenove, do ramo iniciado com seu tetravô, o suíço Frederico Augusto Montandon. Este chegou a Araxá por volta de 1834, vindo de São João del Rei.

Quarto filho, entre os quinze de José Augusto Montandon e Natália Montandon, fez parte da primeira turma de alunos do Colégio Dom Bosco, onde completou sua formação educacional.

Casou-se com Elizena Carvalho Montandon com quem teve 8 filhos: José Augusto, Ana Augusta, Avenor Augusto, Sancho Augusto, Maria Elizena, Eduardo Augusto, Maria Augusta e Maria José.

Desenvolveu atividades profissionais tradicionalmente identificadas à sua família como o tabelionato e a relojoaria. Foi também professor de datilografia e diplomou-se como piloto da primeira turma do *Aero Clube de Araxá*.

Tinha o hábito da leitura e da música — tocava flauta e violino — e gostava de ter os filhos ao seu redor. Poeta admirado por todos os que conheceram sua produção literária, em 1968 foi eleito membro da *Academia Araxaense de Letras*. Suas poesias fazem parte do acervo cultural legado à família.

De espírito bem humorado, piadista, teve intensa participação na vida comunitária como membro de diretorias de Clubes e Associações.

Na esfera religiosa atuou como *membro* da Irmandade do Santíssimo Sacramento e como ministro da Eucaristia.



CALIMÉRIO CUSTÓDIO GUIMARÃES

(1888 – 1944)

Seu pai, José Caputo, de procedência italiana, para melhor se adaptar a nossa língua, retirou o sobrenome italiano “*Caputo*”, substituindo-o pelo *Guimarães*, de sua esposa Ambrozina. A família veio de São João Batista do Glória (MG), em 1895, fixando residência em Araxá.

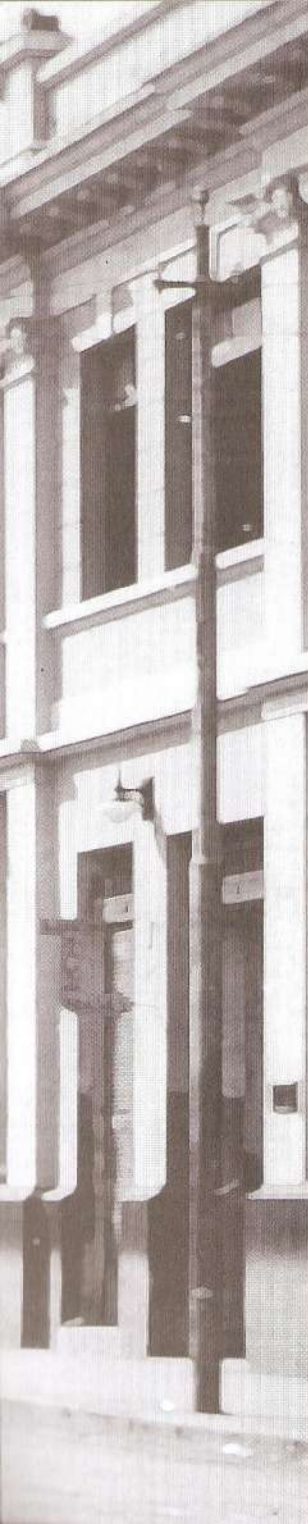
Na infância, viveu na antiga rua das Flores, hoje denominada *Calimério Guimarães*. Aos 25 anos casou-se com Josopherta de Oliveira, então com 16 anos e teve 9 filhos: Calimério Júnior, Nilde, Paulo, Terezinha, Maria Tereza, José Custódio, Maria Bernadete, Maria da Glória e Luiz Carlos.

Iniciou suas atividades comerciais no ramo de secos e molhados, mantendo um sólido armazém no Largo do Rosário (hoje, Praça Heli França), onde a família também residia. Depois seu principal negócio consistiu na exportação de queijos para São Paulo.

Em 1911, juntamente com Ernesto Rosa e Celestino Rodrigues Valle — através da firma *Guimarães, Rosa & Cia.* — atuou na fabricação de manteiga de leite, no comércio de queijos e na revenda de carros.

A firma *Guimarães & Cia.*, fundada com Nestor de Melo em 1917, abrangia os segmentos de couros, de curtume e a *Casa de Couros*. Com a saída do sócio, o sogro Aurélio Cândido de Oliveira ingressou na empresa.

Enquanto o comerciante e o industrial geravam empregos, o cidadão Calimério apoiava a política “*jacquista*” e usufruía os seus lazeres prediletos: a pesca e o carnaval.



CARMOSINA GUIMARÃES

(1893 – 1971)

Para as mulheres nascidas no final do século dezenove, ser normalista era um raro privilégio. Estudar espanhol e dominar o idioma francês era algo incomum. Para as que nasciam com dons musicais e literários, eram imensamente reduzidas as possibilidades de desenvolverem esses talentos e trilharem uma carreira profissional.

Dotada dessas aptidões soube vencer os limites do seu tempo e sair à frente das mulheres de sua geração.

Ela nasceu em Pindamonhangaba (SP) e com seus pais, José Francisco Correia Guimarães e Egydia Borges Guimarães e as duas irmãs, Carmem e Norma, mudou-se para Belo Horizonte.

Na capital mineira formou-se e iniciou sua carreira no magistério. Depois de estudar piano, acordeom e bandolim passou a conciliar suas atividades de professora de música e de pianista.

Chegou a Araxá em 1927, já viúva de Henrique Britto de Castro, com os três filhos, Benedito, Henrique e José e duas tias do marido. Lecionou no *Grupo Escolar Delfim Moreira* durante 33 anos e no biênio 1938-1940 assumiu a vice-direção da escola.

Casou-se pela segunda vez com o cunhado João Batista Britto de Castro e teve duas filhas: Maria Antônia e Egydia. Sua história, assim como a de toda a família Britto, está estreitamente associada à história do piano alemão, marca *Rönish*, em torno do qual reuniam-se constantemente.

Em 1953, depois de tornar-se viúva novamente, fez voto de pobreza e dedicou-se intensamente à filantropia. Foi diplomada como cidadã araxaense pela Câmara Municipal no dia em que completava 74 anos. Até bem próximo de sua morte, aos 78 anos, permaneceu dando muitas lições de piano e de vida.



CASSIANO DE PAULA LEMOS

(1880 – 1957)

Com ascendências familiares portuguesa e espanhola, Manuel de Paula Lemos e Ana Zeferino Ribeiro vieram de Passos (MG) para se estabelecerem nas terras da região, recebidas por herança.

Cassiano, filho do casal, nasceu e passou toda a infância na fazenda em Pratinha, então distrito de Araxá, ao lado dos irmãos: Pedro, Júlia, Ana e Amélia. Em Uberaba e Itapeçerica (MG) realizou os estudos correspondentes ao ensino fundamental.

Dedicou-se sempre à pecuária seguindo a tradição familiar. Foi um pecuarista criativo e progressista, continuando o trabalho de seu pai, *Neca de Paula*. Este, na década de 20, foi pioneiro na criação zebuína do país e no desenvolvimento genético da raça *Hindu-Brasil*. O empreendimento, consolidado, teve continuidade entre seus descendentes.

Foi casado com Josina de Ávila Lemos com quem teve 9 filhos: João, Pedro, Cassiano, Juvenília, Odila, Manoela, Clarisse, Diva e Josina.

Sua atuação não se limitou ao universo rural. Na política foi vice-presidente do *Partido Republicano Mineiro*. Na área assistencial foi membro do Conselho da Santa Casa de Misericórdia de Araxá. Católico, foi incentivador e patrocinador de obras e eventos sociais da Paróquia de São Domingos.



CELSO AFONSO

(1911 – 1971)

Nas primeiras décadas do século vinte, os serviços oferecidos por uma barbearia eram considerados indispensáveis à vida dos habitantes da cidade. O barbeiro, por sua vez, significava um segmento social de forte representatividade.

Nesse cenário, *Celso Afonso* formou-se como um dos barbeiros tradicionais de Araxá, atuando por 40 anos aproximadamente.

Ingressou muito cedo no mundo do trabalho para colaborar com o sustento da família. Inicialmente associou-se ao colega Francisco Penello em um dos salões onde exerceu a profissão. Mais tarde instalou o seu próprio negócio no andar térreo do Clube Brasil.

O direito de freqüentar o ambiente de um salão de barbeiro era exclusividade masculina, por isso atendia em domicílio às mulheres que lhe solicitavam cortes de cabelo como o estilo *à la garçonne*.

Não havia instrumentos e acessórios descartáveis. Com a ajuda da família uma grande quantidade de toalhas era, diariamente, lavada e passada a ferro de brasas.

Araxaense, era filho de Antônio Gregório Afonso Júnior (Tunico) e Isaura Afonso Reis (Zarica). Fez o então curso primário no Grupo Escolar Delfim Moreira. Seu pai, descendente da família "Afonso de Almeida", foi professor rural.

O barbeiro *Celso* foi um assíduo leitor de jornais e revistas, sempre disponíveis aos clientes que freqüentavam seu concorrido salão.

Faleceu pouco antes de completar 60 anos. Casado com Guaraciaba Milagres Afonso teve 3 filhos: Paulo César, Edna Jalva e Celso Tadeu.



CELSO DE CASTRO
(*CELSO ALFAIATE*)

(1896 – 1979)

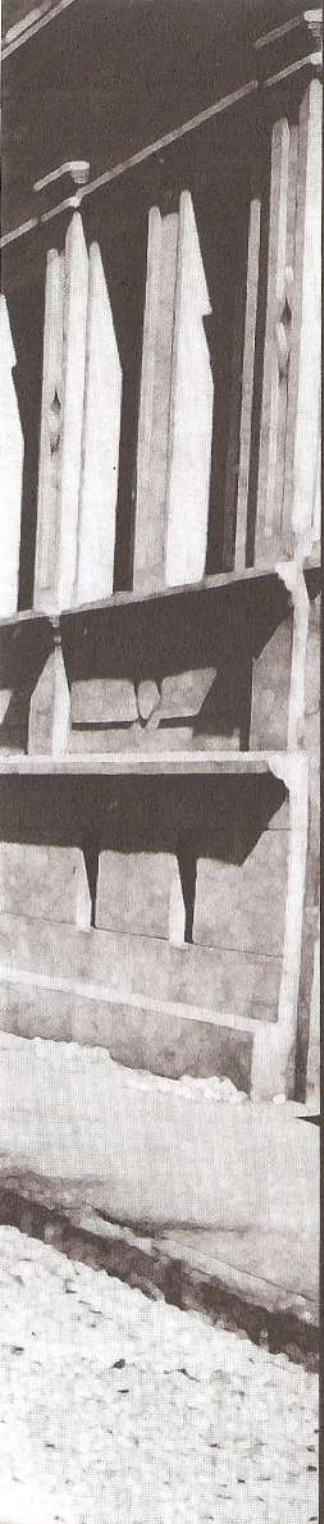
Durante décadas, ele compôs o grupo de hábeis alfaiates da cidade. Num tempo de raras confecções e de valorização da alfaiataria, trabalhou ao lado de profissionais como Octávio Barreto e Mário Cardoso. Foi também colega de Jason Parreira Borges e Geraldo Camarota.

Araxaense, filho de João Evangelista de Castro e Rita Mafalda de Castro, foi criado pelo tio Nominato Ferreira dos Santos. O pai mudara-se para Araxá para ser escrivão do crime. A mãe, flautista, chegou a ter vários alunos, dentre eles a professora Leonilda Montandon a quem ensinou a tocar instrumento.

Casado com Georgina Santos teve 7 filhos: Geraldo, Maria Aparecida, Vicente de Paula, Luiz Gonzaga, Celso de Jesus, Maria Tereza e Maria José.

Como alfaiate formou os filhos Luiz Gonzaga e Maria Tereza (esta, na especialidade de calceira) na mesma profissão.

Dividiu seu tempo entre a família, o trabalho e a religião. Foi vicentino por mais de 40 anos. Pertenceu à *Irmandade do Santíssimo Sacramento* e atuou como membro da *Associação dos Cooperadores Salesianos*.



CLÓVIS CARDOSO JÚNIOR

(1911 – 1989)



família Cardoso, de Araxá, tem origem no casal Francelino José Cardoso Júnior e Marcelina de Fontes Palhares que aqui chegou em 1875. Ambos eram professores e trabalharam no ensino público e particular, inaugurando o "Externato Araxaense".

Do pai, Clóvis Cardoso, ele herdou, sobretudo, o nome e a profissão de escrivão do Cartório de Registro Civil. Sua mãe, Elvira dos Guimarães Peixoto, nascida e criada no Rio de Janeiro, vítima da febre amarela, veio em busca de tratamento com as águas minerais do Barreiro.

Ele nasceu em Uberaba onde seus pais residiam. Fez os cursos primário e ginásial no "Ginásio Diocesano" onde recebeu formação educacional e religiosa dos *Irmãos Maristas*. Aos 7 anos começou a estudar música, demonstrando sua vocação na área artístico-musical. Pouco depois, já tocava violino no "cinema mudo" de Uberaba, ao lado do professor Theobaldo Bossini.

Fez o curso de Farmácia e em 1933 inaugurou a *Farmácia Cruzeiro*, em Carmo da Mata, oeste de Minas. No ano seguinte já casado com Lygia Valle, mudou-se para Araxá e abriu uma nova *Farmácia Cruzeiro*. Em 1941 começou a trabalhar como escrivão do Cartório onde permaneceu até a aposentadoria.

Clovinho, mais conhecido pelo apelido, foi rotariano por muitas décadas, emprestando seu trabalho a esse clube de serviço. Como todo verdadeiro artista, era simples, emotivo e discreto. Passava horas no escritório, em sua própria residência, lendo bons livros e ouvindo suas músicas. Era apaixonado por serestas. Seu violino foi um companheiro inseparável, com o qual se apresentou em diversos encontros festivos: sociais, políticos e religiosos, públicos ou particulares.

Aos seus dez filhos (Lygia, Hercília, Lucília, Marília, Cleonice, Helena, Célia, Clóvis Neto, Lúcia e Cícero) e aos filhos dos filhos, legou o amor à arte e, especialmente, a sua vocação musical.



DANIEL HENRIQUE PINTO

(1883 – 1961)

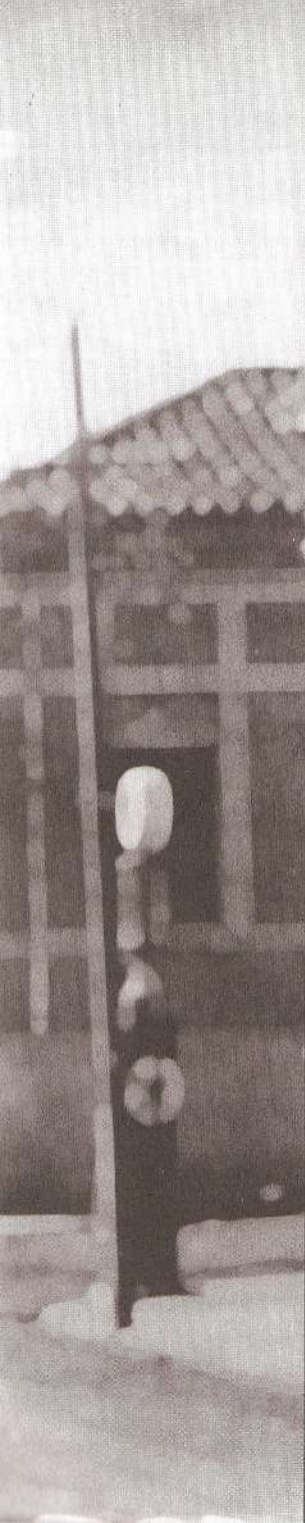
Português, nascido em Vila Nova de Poyares, distrito de Coimbra, veio para o Brasil em 1901, com dezoito anos. Teve uma infância com grandes dificuldades financeiras. Vivia com os pais, Manoel Henrique Pinto e Rosina Emília e com os seis irmãos. Trabalhava ora na colheita de uva, ora na fabricação de vinho. Também vendia pães, feitos pela avó materna.

Para ter direito à passagem e à hospedagem no navio rumo a Santos, trabalhou como cozinheiro durante o trajeto. No litoral paulista sobreviveu como garçom até 1917, quando foi convidado por um amigo para conhecer Araxá. Aqui chegando, decidiu permanecer, estimulado não só pelas perspectivas de bons negócios mas também pelo fato de ter conhecido Corina Dumont. Casou-se com ela e teve seis filhos: Wilton, Celeste, Poiares, Celestina, Haidée e José.

A partir de então foi proprietário de um bar que servia refeições. Depois associou-se ao italiano Luiz Samartano em uma padaria. O passo seguinte foi abrir uma loja de variedades. Contava orgulhosamente que, em 1931, recebera em sua casa a visita de Santos Dumont, primo de Corina, que fazia estação de águas em Araxá.

Ingressou definitivamente no ramo de hotelaria em 1940. Adquiriu o "Araxá Hotel" na antiga rua Boa Vista. A família ali residia e se revezava nas tarefas diárias. O seu hotel firmou-se como opção aos viajantes e aquáticos que não podiam se hospedar no Barreiro.

Finalmente, em 1953, ele alcançou sua grande meta: construiu o *Hotel Pinto*. A inauguração do estabelecimento, em moderno e arrojado edifício, reuniu as autoridades locais para celebrarem o dinamismo e a vitória do seu idealizador.



DOMINGOS ZEMA

(1889 – 1980)

Sua história começou como a de muitos imigrantes italianos nascidos na Calábria e que desembarcaram no porto de Santos com destino às fazendas paulistas. Desde então, o menino de nove anos que, em 1898, chegou do velho continente com os pais, Demétrio e Santa Marra Zema, quatro irmãos, tia e primos percorreu um longo caminho de trabalho e de determinação.

Da fazenda mudou-se para Ribeirão Preto onde começou a trabalhar como motorista. Casou-se com Catharina Cavallaro, também italiana, costureira habilitada por especialistas francesas.

Os sintomas da malária o trouxeram a Araxá para tratar-se com as águas medicinais do Barreiro. Depois de recuperar a saúde, mudou-se para Sacramento onde adquiriu o seu primeiro automóvel, um Ford modelo T-1914.

Mudou-se para Araxá em 1919 e deu início à expansão dos negócios. Criou uma linha de automóvel entre Araxá e Uberaba e instalou uma oficina com venda de peças.

Mais tarde conquistou a posição de agente especializado na concessão Ford; ampliou o comércio no ramo de automóvel e inaugurou o primeiro posto de gasolina da cidade.

Paralelamente introduziu inúmeras inovações na vida produtiva de Araxá, demonstrando ser um cidadão comprometido com a modernidade.

Ao lado dos filhos Romeu e Oswaldo (parceiros nos negócios), Armando (médico) e das filhas Julieta, Lourdes (artista plástica e escritora), Odete (artista plástica) e Waldete estabeleceu laços definitivos com a nossa terra.

O *Grupo Zema* da atualidade nasceu da firmeza e da sagacidade do italiano que, antes de falecer aos 91 anos, foi reconhecido oficialmente como um "cidadão araxaense".



DONATO PINHEIRO DOS SANTOS

(1885 – 1969)

São seus pais José Veríssimo Montandon e Júlia Carneiro dos Santos. Pelo lado paterno ele descende de imigrantes suíços. Pelo materno, tem origem nos *Carneiro de Mendonça* e nos *Santos*, troncos familiares que, num passado remoto, estabeleceram-se em Araxá. Ainda bem jovem já trabalhava para alguns parentes com o objetivo de contribuir financeiramente para o sustento dos pais e irmãos.

Estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira. Iniciou-se profissionalmente como pecuarista. Mais tarde, provisionou-se como farmacêutico, freqüentando um curso em Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais.

Durante 50 anos exerceu a profissão à frente das Farmácias Boa Vista, Nossa Senhora da Conceição e, posteriormente, Farmácia Pinheiro. Num tempo em que era reduzido o número de médicos, ele não só manipulava e vendia remédios, como também realizava partos e pequenas cirurgias.

Foi casado com Thomázia de Moura Santos e pai de José, Dagmar, Geraldo, Dolorita, Wilson, Maria José, Antônio, Vera, Donato, Dora, Júlia, Roberto e Fábio.

Politicamente foi ferrenho partidário do Senador João Jacques Montandon. Como "*Jacquista*" convicto, engajou-se intensivamente nas suas campanhas eleitorais. Mais tarde seu filho, José Pinheiro dos Santos, compôs por vários mandatos a Câmara Municipal de Araxá, inclusive, ocupando a presidência daquela Casa.

A dedicação à Irmandade do Santíssimo Sacramento foi uma prova da devoção ao catolicismo. Caseiro, seu lazer se restringia às reuniões familiares.



DORALICE AFONSO DE AZEVEDO

(1906 – 1986)

Espírito filantrópico, ações solidárias pioneiras e devoção fecunda a São Vicente de Paulo são traços marcantes da personalidade de *Doralice*, uma das duas filhas de Jauneval Afonso da Silva e Alzira Afonso de Castro.

Nascida na *Fazenda da Solidão*, distrito araxaense de Nossa Senhora da Conceição, hoje Perdizes, fez seus primeiros estudos no Colégio Santa Filomena, em Araxá. No Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba fez o curso normal. Ingressou no magistério, lecionando no Grupo Escolar Delfim Moreira e, depois, formou-se no curso de aperfeiçoamento em pedagogia, em Belo Horizonte. Mais tarde, integrando a educação e a assistência social, cursou técnicas de enfermagem.

Em 1927 casou-se com o Dr. Mário Porfírio de Azevedo, cirurgião dentista, com quem teve três filhas: Dulce Consuelo, Maria Ângela e Marisa.

A consciência nítida dos problemas sociais aliada à intensa generosidade fez com que se juntasse a algumas amigas, fundando a *Associação das Damas de Caridade de Araxá*, instituição católica de caráter filantrópico.

Como desdobramento da *Associação* criou um salão de costura onde mulheres carentes aprendiam o ofício de costureira e as roupas confeccionadas eram distribuídas às famílias necessitadas. Essas e tantas outras ações permearam o ideal que praticou durante 40 anos. Mais do que doar — o que fez com freqüência — procurou promover os meios para que os excluídos socialmente conquistassem uma sobrevivência digna.

Da *Associação* nasceu também, em 1957, a *Creche Casa de Nazaré*. Foi sua primeira presidente e Diana Rosa, a primeira diretora. Criou essa creche oferecendo às mães trabalhadoras o abrigo diário, seguro e sadio, para seus filhos.

Com inserção nas esferas política e econômica, respaldada pela imprensa local, reuniu formas diversas de apoio à causa social.

Ao lado da prof^a. Leonilda Scarpellini Montandon, instituiu em Araxá, em 1967, o *Serviço de Obras Sociais* (SOS).

Não só Araxá se beneficiou de sua voluntariedade. Em São Paulo e Goiânia onde residiu ao deixar a terra natal, trabalhou em comunidades paroquiais ensinando culinária, economia doméstica e promovendo assistência social nas favelas.

Pouco depois de falecer em São Paulo, aos 79 anos, seus conterrâneos — através do poder público municipal — etimizaram suas ações batizando com seu nome a creche do bairro Orozino Teixeira.



ELIAS PORFÍRIO DE AZEVEDO

(1881 – 1965)

Filho de Elias Pereira de Ávila e Ana Porfírio da Rocha, perdeu o pai quando tinha 3 anos de idade. Ainda menino foi estudar no Seminário Nossa Senhora de Assunção (pioneiro estabelecimento de ensino de Minas Gerais) em Mariana, de onde só regressou aos 17 anos. Neste Seminário Elias cultivou o prazer da leitura, o espírito religioso e desenvolveu o seu talento musical latente.

Casou-se com Maria Dolores de Ávila que possuía bela voz de soprano e tocava violão. Tiveram 11 filhos: Alaor (Padre), Mário, Araceli, Lamartine, Apulchro, Renato, Genaro, Jarbas, Cecília, Domingos Gusmão, Joaquim Ewandinack.

Fundou a primeira Escola de Música de Araxá. Os professores, que vieram de fora para lecionar aos seus filhos e a outros amantes da música, moravam em sua residência.

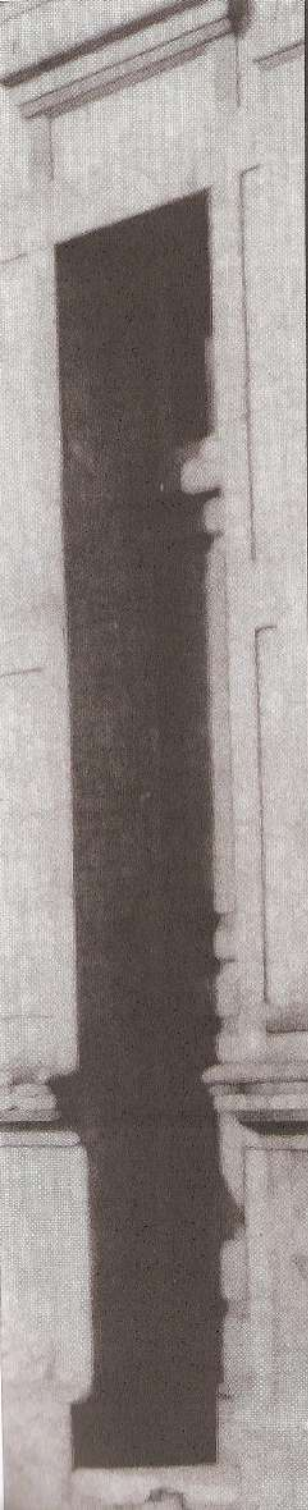
Em 1906 criou a *União Araxaense*, uma banda com doze instrumentistas que, mais tarde, se transformou na *Banda Santa Cecília*, acrescida com alguns de seus filhos. Esta banda tocava em reuniões cívicas, bailes, carnavais e, nas cerimônias religiosas, era comum ouvir a voz de baixo típica do Maestro Elias. Antes disso, em 1904, fundou uma associação de arte dramática. Foi diretor, ator, cantor e ensaiador de peças teatrais do *Theatro Avenida* cujo local corresponde, hoje, à Rua Mariano de Ávila, 545.

Como arranjador seu trabalho foi intenso. Como compositor escreveu um dobrado (sem título) e a valsa "Saudades de Minha Mãe". O Maestro Elias mantinha vasto intercâmbio com compositores e instrumentistas de várias cidades. Viajava regularmente para São Paulo e Rio de Janeiro onde assistia às grandes companhias de balé e ópera, nacionais e internacionais.

Em 1935, com a saúde abalada, vendeu parte de seus instrumentos à outra banda e, nesta ocasião, cinco de seus filhos juntaram-se e formaram a *Orquestra Irmãos Porfírio*, que se apresentava em casamentos, bailes e solenidades cívicas. Ele costumava dizer (...) "Aproveita gente, que o casamento vai acabar". Nas tocatas realizadas no casarão colonial da antiga avenida d'Abadia, hoje, Av. Antônio Carlos nº 116, as janelas permaneciam abertas para que o povo pudesse ouvir a orquestra regida pelo Maestro Elias.

Como industrial, comerciante e empresário de diversão possuiu: Padaria Modelo, Torrefação São João, Moinho de Fubá, Engenho de Cana (vendia garapa engarrafada), Armazém, Açougue, Fábrica de Ladrilhos, dois cinemas (*Capitólio* e *Cine-Theatro Trianon*). O Trianon funcionou, de 1922 a 1972, como importante centro de cultura e de lazer. Exerceu também atividade rural, tendo sido proprietário de quatro chácaras: Pau de Binga, Pão de Açúcar, Chorão e Marinheiro.

O músico e maestro araxaense, hoje, dá nome à Escola Municipal de Música onde se produz cultura e se formam novos talentos.



EMÍLIO CARLOS PHILIPPINI

(1886-1963)

Paulista, natural de Campinas, era filho de Estevam e Maria Emília Philippini, italianos vindos de Milão. Assim como sua família, trabalhou na agricultura até aos 15 anos. Depois foi garçom e, posteriormente, aprendeu o ofício de tipógrafo.

Neste período freqüentava assiduamente o Oratório Festivo do Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, onde constatou sua vocação para o noviciado. Mais tarde seus pais emigraram para a Argentina. Emílio optou por permanecer no Brasil, indo anualmente a Buenos Aires em visita à família.

Sua vida sacerdotal teve início no Colégio Santa Rosa de Niterói. Depois foi diretor de dois colégios salesianos em Campinas.

Em 1936 chegou a Araxá para assumir a Paróquia de São Domingos e a direção do Colégio Dom Bosco.

A luta empreendida à frente do colégio, durante sete anos, resultou na consolidação da obra salesiana iniciada pelo Pe. Antônio Marcigaglia. Pe. Philippini dotou de melhorias o espaço físico do colégio, construiu o Salão de Festas e, em 1937, inaugurou a Capela Dom Bosco.

Era conhecido, em especial pela população de Araxá, como uma pessoa austera e exigente, inteiramente integrada à vida da cidade.

Como vigário abraçou com obstinação a causa que se propôs: a de concluir a construção da Igreja Matriz de São Domingos. Depois de um longo e penoso processo, seu sonho se concretizou em 1948. Existem referências de que Pe. Philippini teria empregado na obra a herança recebida após a morte de sua mãe.

Em 1950 deixou Araxá com destino a São Paulo. Retornou um ano depois e dirigiu a paróquia até 1963.

Já doente, recebia visitas continuamente, a ponto de os médicos estabelecerem um horário para elas. Sua morte foi motivo de tristeza para a comunidade. Pe. Philippini foi velado na Matriz de onde partiu seu cortejo fúnebre, descendo a avenida Antônio Carlos e retornando para que ele fosse sepultado na Capela de Nossa Senhora d'Abadia, à entrada da Igreja. A permissão para isso foi solicitada ao Bispo pelas autoridades municipais. Todos, Bispo, Prefeito, Juiz de Direito e Juiz de Paz discursaram ao pé de seu esquife.



FERNANDO PAROLINI

(1888 – 1963)



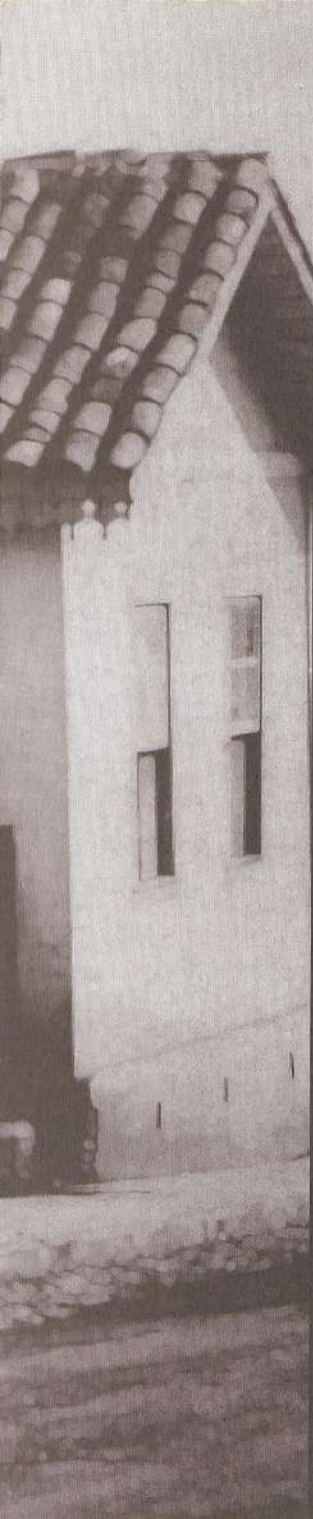
Assim como muitos imigrantes, os Parolini chegaram ao Brasil no final do século XIX. Provenientes de Milão, vieram os pais, Francisco Di GianBattista di Parolini e Carmella Di Parolini, com os filhos pequenos Giuseppina, Thereza, Celestina e Fernando.

Depois de vencer as dificuldades em assimilar a nova cultura, o caçula Fernando trabalhou primeiro com hortaliças e, depois, como funcionário de uma fábrica de cerveja no interior paulista. Aos 17 anos chega a Araxá em companhia da família Scarpellini, com quem se ligava por laços de parentesco.

Em 1910 Araxá era uma cidade que oferecia muitos espaços a quem se dispusesse a produzir. Assim, seguindo a tradição dos italianos, estabeleceu-se com a *Padaria Popular* na antiga avenida Lava-pés, hoje Vereador João Senna, empregando dedicação e criatividade.

Casou-se com Raquel Soares da Cunha e teve 10 filhos: José, João Baptista, Francisco, Fernando, Geraldo, Holanda, José, Maria José, Benedita, Felismundo.

O empreendimento fundado pelo *velho* Parolini se consolidou. Os antigos costumes que ele fez questão de conservar criaram as bases para os seus descendentes prosseguirem no ramo de panificação. A tradição, já adaptada aos novos tempos, garantiu-lhes o sucesso empresarial.



FIRMO LADISLAU DOS SANTOS
(*MAESTRO FIRMO*)

(1885 – 1944)

Conhecido da população araxaense como o *Maestro Firmo*, notabilizou-se por fundar, ao lado do Maestro Elias Porfírio de Azevedo, a Banda Santa Cecília.

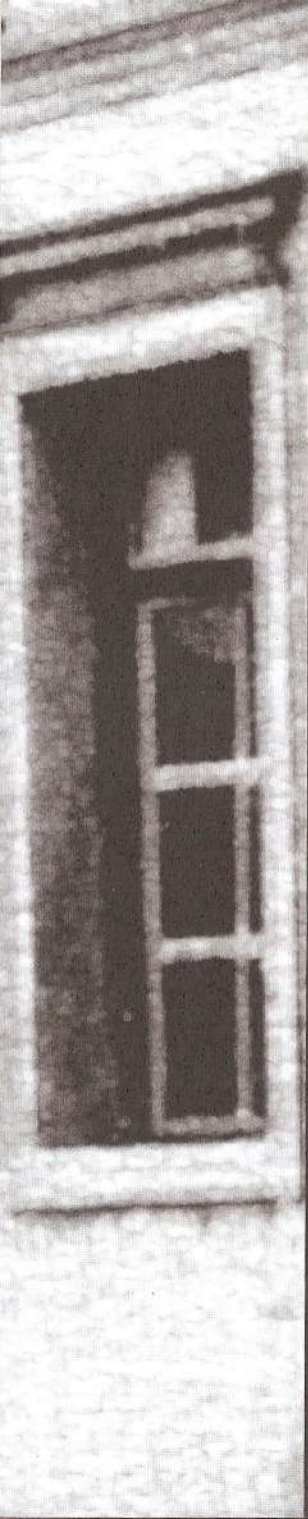
O trombone é o instrumento que acompanhou o músico nascido em Oliveira e que hoje dá nome a uma das ruas de Araxá.

Filho único de Antônio Ladislau dos Santos e Francisca Rosa de Jesus, morou desde os 19 anos na rua Mario Campos. Foi casado com Maria Magdalena de Jesus e teve 10 filhos: Oscarina, Ana, Albertina, Maria Aparecida, Maria de Lourdes, Orlando, Alberto, Levi, Orestes e Geraldo.

Marceneiro e carpinteiro por profissão, transmitiu esses ofícios ao filho Alberto (já falecido). Hoje o neto Fábio exerce a mesma atividade.

Na música legou seu lugar ao filho Geraldo Magela — o *Lalado* — que durante 49 anos tocou pistom na banda, mais tarde, também conhecida por *Banda do Lalado*.

Como irmão vicentino, o *Maestro Firmo* dedicou seu tempo à assistência social através da frequência assídua à Vila São Vicente.



FRANCISCO DOS SANTOS

(1882 – 1947)



Araxaense, filho de Francisco Veloso dos Santos e Júlia Carneiro dos Santos, completou o curso secundário aos 16 anos.

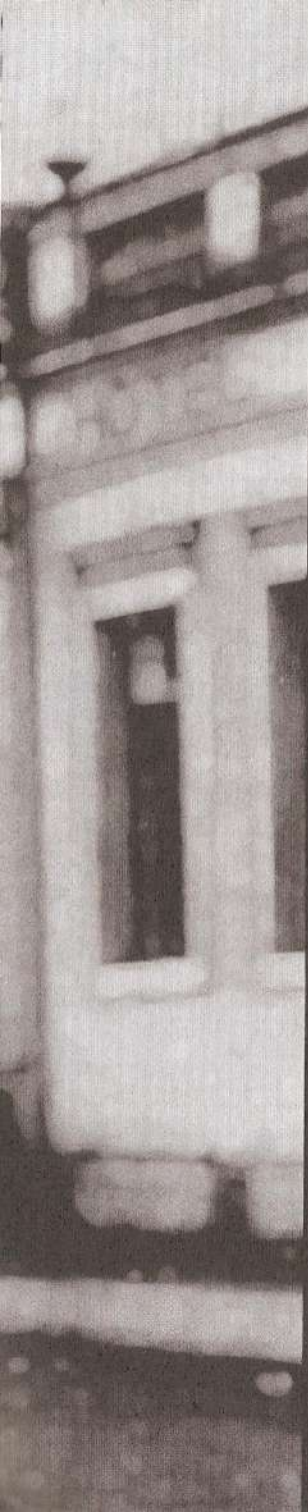
Em seguida dedicou-se às atividades comerciais, compondo, com os irmãos Theóphilo e Armando, a firma *Santos & Irmãos* dedicada, inicialmente, ao ramo de secos e molhados. Os negócios estenderam-se à fabricação de ladrilhos, à comercialização de combustível, de automóveis e de serviços como correspondentes do Banco do Brasil.

Na condição de um dos maiores contribuintes do erário municipal, chegou a representar o segmento dos proprietários urbanos no *Conselho Deliberativo Municipal de Araxá*.

Foi casado com Adozinda Porfírio dos Santos. Como pai investiu na formação educacional dos 14 filhos: Joaquim, Ednah, Walter, Nilson, José, José Maria, Pedro, Lauro, Luiz Gonzaga, Júlio César, Maria Aparecida, Ana Maria, Dinorah e Francisco. Dentre eles diplomaram-se médicos, advogados e arquitetos, em respeitadas universidades brasileiras.

Dedicou-se à vida comunitária, integrando a equipe administrativa da Santa Casa de Misericórdia.

De espírito religioso, participou da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Sociedade São Vicente de Paulo. Foi Festeiro Perpétuo da Festa de São José, santo padroeiro de predileção da família. Tal como um verdadeiro mecenas, construiu o altar de São José, em mármore, na Igreja Matriz de São Domingos.



GABRIELLA PEREIRA GOULART

(1902 – 1981)

Nasceu, na propriedade hoje denominada *Chácara Dona Adélia*, a segunda filha do casal Terêncio Pereira de Rezende e Adélia Pereira Valle, membros de famílias tradicionalmente ligadas à terra.

O ambiente familiar permitiu-lhe o contato com um dos mais genuínos costumes de Araxá: a arte de fazer doces e quitandas.

Em meio aos dotes culinários, às frutas da estação e à produção artesanal de quitutes, embarcou no trem rumo a *Campanha* para cursar a célebre *Escola Normal* daquela cidade mineira. Assim tornou-se normalista, um privilégio desfrutado por poucas mulheres do seu tempo.

De volta a Araxá casou-se com José Ferreira Goulart e dessa união nasceram os filhos Fernando, Renato, Plínio, Adélia e Leila.

Unindo a força do trabalho com o dom de praticar antigas receitas de família, vislumbrou o potencial da comercialização dos doces caseiros.

A casa onde a professora *Gabriella* residiu durante grande parte de sua vida, hoje cede lugar à *Escola Dona Gabriela*. O pioneirismo da doceira que faleceu aos 79 anos, contribuiu para fortalecer a economia da cidade, gerando novos talentos e empregos. A tradição de fazer doces, transformada em atividade economicamente viável, é, na atualidade, um eficiente instrumento para divulgar o nome de Araxá.



GARIBALDI CUNHA

(1883 – 1944).

Bacharel em Direito, chegou a Araxá em 1907 para ser o Promotor de Justiça. Assumiu a promotoria interinamente, depois foi efetivado como titular. Deste cargo constava a função de Inspetor de Ensino, atividade que também exerceu por vários anos.

Mineiro de Mar de Espanha era filho de Esmeralda e Altivo Cunha. Teve sete irmãos: Eurico (do primeiro casamento de sua mãe), Edmundo, Edgard, Edson, Edméia, Ednah e Edmar (estes, do segundo casamento de sua mãe com Edmundo Machado).

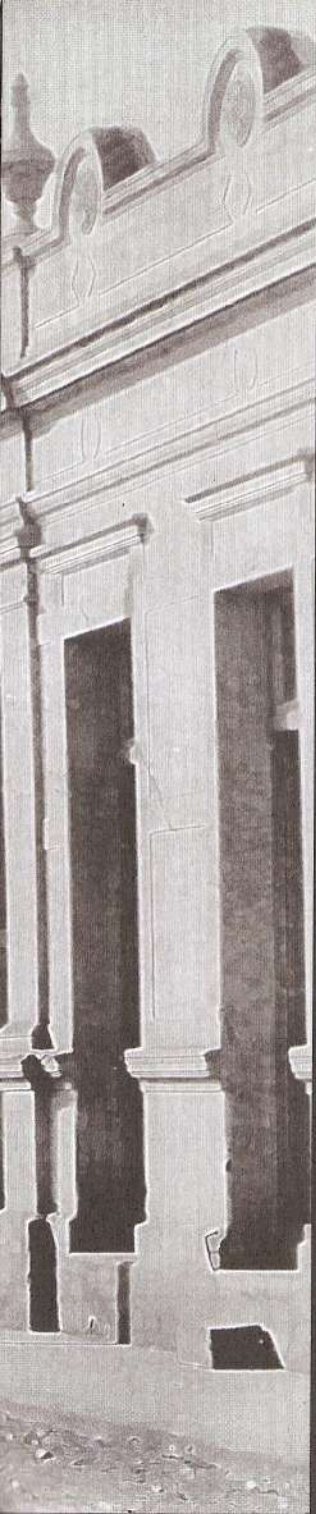
Ao vir para Araxá já estava casado com Olga Torres com quem teve cinco filhos: Edmar Cunha (médico), Danilo Cunha (advogado), Helvécio Cunha (médico), Celme Cunha Drummond e Cássio Cunha.

Depois de deixar a promotoria e ser Juiz de Direito interino, deu início a uma bem sucedida carreira de advogado. Não só aqui, mas em toda região, notabilizou-se como eloqüente orador e defensor de causas.

Profundo conhecedor da música erudita, fazia coincidir suas férias com as temporadas líricas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde residia a família Cunha.

Nas décadas de 20 e de 30 participou de movimentos sociais, dentre os quais a fundação do primeiro clube social que, assim como um dos atuais, se chamou Clube Araxá.

Na cidade, onde se consagrou como profissional e cidadão, foi lembrado para dar nome à rua *Dr. Garibaldi Cunha*.



HELI FRANÇA

(1917 – 1987)



Araxaense, era filho de Altamiro França e Almerinda Jovelina França. O pai, funcionário público, trabalhava na subestação de energia elétrica. A mãe, quitandeira, fazia biscoitos, salgados e bolos para fins comerciais.

Passou a infância jogando futebol e criando passarinhos. Nos passeios realizados pelas fazendas, usufruía lazeres como pescar, caçar e catar caju. Teve cinco irmãos: Antônio, Jaime, Helena, Dimas e Maria.

A formação escolar, salesiana, foi obtida como aluno da primeira turma de formandos do Colégio Dom Bosco.

Profissionalmente exerceu atividades diversas. Foi proprietário do antigo Bar Brasil, no Cine-teatro Brasil. Tornou-se corretor de imóveis por ocasião do loteamento que deu origem à Vila João Ribeiro. Ingressou na Caixa Econômica Federal, gerenciando a agência local por 15 anos, até a aposentadoria.

Casado com Irany Afonso França teve 11 filhos: Regina Célia, Juarez, Hernane, Júlio, Maria Helena, Stela, Márcia, Rosângela, Edna, Eliane e Jussara.

Político por excelência soube conquistar eleitores e por eles foi consagrado. Fundador e principal líder do *Partido Trabalhista Brasileiro de Araxá* na década de 40, foi vereador nas duas legislaturas iniciadas em 1947 e 1951.

Em 1958 foi eleito Prefeito de Araxá, também pelo PTB, com a maioria dos votos. Suas ações estiveram voltadas para a melhoria de vida dos cidadãos.

Aprimorou os serviços de luz, água e rede de esgotos; construiu o Mercado Municipal, estimulando a produção de alimentos e viabilizando o seu comércio; construiu e implantou escolas. Dirigiu seu olhar aos servidores municipais, incentivou o esporte amador e contribuiu, com apoio logístico, para o término da rodovia Araxá-Franca.

A administração Heli França (1959 - 1963) dedicou-se à assistência social destinando verbas públicas municipais às creches, caixas escolares, CEREJA, Orfanato Santa Terezinha e Asilo São Vicente.

A vocação política o conduziu ao *Partido dos Trabalhadores*, na década de 80, como membro-fundador.

O gosto por futebol o fez torcedor do Najá, do Atlético e do Vasco da Gama.

As paixões pela caça, pela pesca e pelo Rio Quebra-Anzol o fizeram proprietário e freqüentador assíduo do *Rancho Luar do Sertão*.



HÉLIO ALVES FERREIRA

(1911 – 1989)

Cidadão araxaense, está unido por laços de parentesco a algumas das mais remotas famílias que se formaram em Araxá como Ferreira, Silva Botelho, Afonso de Almeida, Álvares (Alves) e Santos.

Ele é o sétimo filho de Eliseu Alves Ferreira e Antonia Caliméria dos Santos. Do tio e padrinho Armando Santos ganhou a oportunidade de avançar um pouco mais nos estudos.

Foi servidor público e tornou-se conhecido por ser dotado de veia poética, senso de humor e grande apego às alegrias da vida.

Com sua mulher Lúcia Soares Ferreira, professora e escritora, formou uma família de intelectuais. Em 1965 o casal participou do grupo que idealizou a Academia Araxaense de Letras e fez parte da sua primeira composição.

Teve seis filhos — Eliseu, Ronan, Dirceu, Paulo Márcio, Júlio Romero e Leila Regina — que, na sua maioria, dão prosseguimento às áreas de atuação profissional dos seus pais.

Grande parte de sua produção literária pode ser lida nas páginas do *Correio de Araxá*.

Tal como a poesia, a política foi parte integrante de sua vida. Descendente de líderes políticos de Araxá, na década de 50, foi suplente de vereador e chegou a assumir, por um ano, uma cadeira na Câmara Municipal. Em 1967 votou no filho Paulo Márcio que saiu vitorioso nas eleições para prefeito de Araxá.



HERMANTINA E SALOMÃO DRUMMOND

(1894 - 1988) — (1894 - 1985)

Ela, araxaense, filha de Azarias Alves Ferreira e Luiza Castro Alves.

Ele, natural de Floriano, Piauí, deixou a terra natal, os irmãos e os pais Raimunda e Alberto Drummond, movido pelo desejo de conhecer lugares novos. Chegou a Araxá em 1912 e, três anos depois, casava-se com Hermantina.

Cada um deles seguiu sua trajetória profissional. Juntos conquistaram posições privilegiadas na sociedade e formaram numerosa família.

O casal teve 6 filhos: Maria Rita, Maria Dora, José Alberto, Olavo (ex-Ministro do Tribunal de Contas da União e ex-Prefeito de Araxá), Azarias e Antônio Carlos (jornalista e diretor da Rede Globo em Brasília). Aos filhos somaram-se 25 netos, 36 bisnetos e 2 trinetos.

Hermantina foi costureira por 45 anos. Enveredou por outros caminhos como o comércio de colchas tecidas artesanalmente — criadas por ela mesma — e de louças antigas.

O hábito de colecionar antigüidades e o empreendedorismo nato a fizeram inaugurar, aos 75 anos, o *Baú 75*. Este antiquário foi atração para araxaenses e turistas.

Salomão foi inspetor de obras, comerciário e, por fim, Tabelião do Cível e Escrivão do Judicial. Posteriormente foi nomeado Oficial de Protesto.

Ambos receberam comendas que lhes foram conferidas pelas maiores autoridades da República, por distinção às atividades que exerceram ao longo de suas vidas.

Em 1967, Salomão foi reconhecido oficialmente como um “cidadão araxaense”. Hermantina, em 1987, assistiu à cerimônia que deu seu nome a Sala dos Teares da Fundação Cultural Calmon Barreto.

Dentre as lembranças legadas à família restam algumas, especiais, que os identificam: dele, a bela caligrafia, o gosto por palavras cruzadas e pelo jogo de paciência. Dela permanecem os “gestos ligeiros para cortar, costurar, manipular plantas e cremes curativos, inventar, inovar”.

Essa criatividade que sempre a caracterizou está representada pela tesoura com a qual lidou por quase meio século e que, agora, passa a integrar o acervo do nosso museu. Múltiplas histórias envolvem este instrumento de trabalho e todas simbolizam força e determinação. Com ele Hermantina garantiu a formação educacional oferecida aos filhos.



JOÃO AFONSO TEIXEIRA
(JOÃO MENINO)

(1880 – 1973)

Seus pais eram Antônio Marcelino Teixeira e Mariana de Paula Teixeira, membros de antigas famílias que aqui se estabeleceram e, ao longo das gerações, estiveram ligados à terra.

Órfão desde criança, foi criado como verdadeiro filho por Emilina, irmã mais velha, casada com João Teixeira. A semelhança entre os dois nomes proporcionou, ao mais novo, o apelido de *João Menino*.

Ele cresceu e viveu na Fazenda Pão de Açúcar, situada a 10 km de Araxá. Foi alfabetizado por professores que iam à fazenda. Ali mesmo começou a trabalhar.

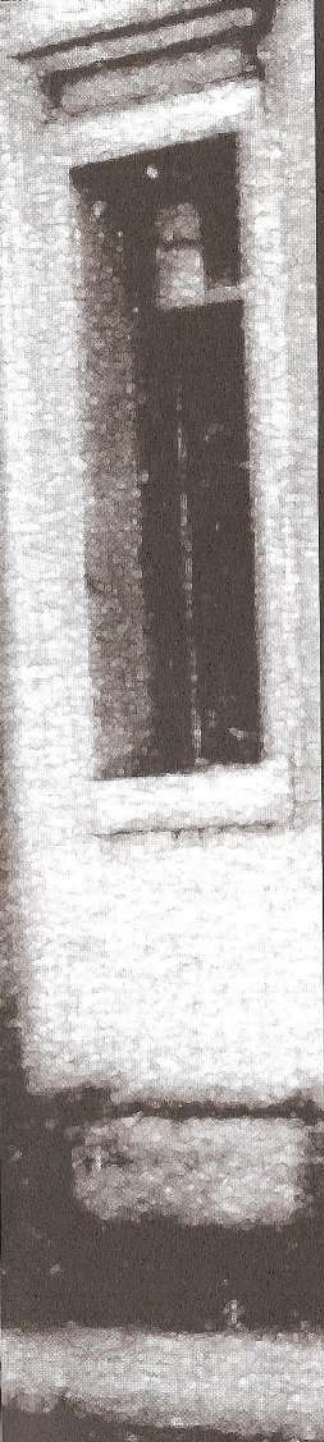
Assim como seus pais, tirava da terra o seu sustento. A grande produção dali extraída dispensava a aquisição de gêneros vindos da cidade. Comercializava madeira, lenha, manteiga, queijo e leite desnatado, produtos que saíam em direção a Araxá em carros de boi. Dentre os negócios não faltava também a venda de “cavalos de boa linhagem que criava com tanto gosto”.

Casado com Almira Rodrigues Valle teve 6 filhos (Orestina, Luzia, Antônio, Francisca, Olívia e Januário) e sobreviveu, viúvo, a quatro deles.

Membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento chegou a doar, retirando de sua fazenda, a madeira utilizada na construção da Igreja Matriz de São Domingos. Contribuía assiduamente com donativos para as festas de São Sebastião e do Espírito Santo.

Fazendeiro bem sucedido, passava os finais de semana na sua casa da cidade. Em contato com as inovações da vida urbana aderiu ao automóvel, adquirindo o seu primeiro *Pontiac*. O gosto pela leitura, principalmente de jornais, o mantinha sempre bem informado.

Ele teve uma vida longa. Tal como seu dono, a antiga *Pão de Açúcar* resiste ao tempo. Em pleno século vinte e um, a sede original, construída de acordo com os padrões da época, é preservada. À porta de entrada está, ainda, um dos carros de boi que serviam à lida da fazenda.



JOÃO AMÂNCIO

(1914 – 1989)

Assim como muitos dos primeiros moradores de Araxá, ele veio do Desemboque. Tinha 20 anos, aproximadamente, quando aqui chegou e, no início, trabalhou como feitor na Rede Ferroviária em cujo alojamento residia.

Mais tarde, como carroceiro, buscava pedras na Usina Tamanduá para serem usadas na construção civil. Durante algum tempo dedicou-se à lavoura, na condição de meeiro.

No bairro Santa Rita, onde viveu a maior parte de sua vida, formou um grupo de Folia de Reis e, nele, exerceu a função de Capitão.

Do primeiro casamento com Maria Benedita Amâncio nasceram 8 filhos: Célia, Oswaldo, Terezinha, Regina, Jesus, Ivone, Adão e Ângela. Viúvo, casou-se novamente. Com Sebastiana Amâncio teve Ana Paula, André e Adriana.

Viveu uma vida sacrificada mas saudável. Introduziu entre a família o hábito de fazer uma oração de agradecimento antes das principais refeições. À mesa não faltavam tutu de feijão, torresmo, carne socada no pilão, carne seca, angu, mandioca e verduras como couve, taioba e ora-pro-nóbis.

Com o tempo havia deixado o catolicismo para tornar-se espiritualista. Primeiro, criou o *Centro Espírita Luz e Consolação* e depois instalou um espaço destinado à assistência aos doentes mentais. Ainda hoje, ambos se mantêm em funcionamento com a colaboração da comunidade e da família. É aí que a população carente encontra a opção de tomar sopa aos sábados. Durante a semana, as crianças ali ocupam seu tempo de maneira educativa.

Hoje há uma praça, no Bairro Urciano Lemos, chamada praça *João Amâncio*.



JOÃO MÁRIO TALLARICO

(1907 – 1990).

Nascido em Uberaba, era o terceiro dentre os seis filhos do casal Rafael Tallarico e Maria Cecília de Oliveira. Seu pai era italiano, natural da região da Calábria. Sua mãe descendia de portugueses. Viveu uma infância sofrida que lhe exigiu, muito cedo, o dever do trabalho, impedindo-o de concluir o curso primário.

Por volta de 1924 veio para Araxá, em busca de prosperidade, conseguindo um emprego de sapateiro. Mais tarde fundou a Sapataria Central, especializada na fabricação de botas, malas e calçados em geral.

Estendeu suas atividades à agropecuária e comercializou material bruto, de construção, retirado do seu próprio sítio. Começou, então, a construir casas até alcançar aquela que seria a sua grande vitória: inaugurar o *Hotel Imbiara*. Para conquistar este sonho, pôs em prática sua capacidade de trabalho, desenvolvendo todas as etapas da obra que se prolongou por quase duas décadas.

Casou-se com a araxaense Emirena Ribeiro, seu grande suporte. Os filhos do casal estudaram em colégios católicos, embora o pai fosse espírita kardecista praticante.

O hoteleiro, porém, não abandonou seu amor à natureza e ao próximo. Prosseguiu sua atividade como produtor rural e, ao mesmo tempo, praticava devotamente a sua religião. Essa envolvia doutrinação e assistência social.

Assim, ele foi responsável pela fundação e construção do "Centro Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes", no Barreiro. Nele também funcionou a "Casa da Sopa Maria Cecília de Oliveira". Aqueles que assistiram ao empenho de João Mário naquela iniciativa, assim batizaram a casa, homenageando sua mãe. Mais tarde o Centro Espírita passou a contar com uma "casa de costura" e uma "escolinha" e, em 1977, a Câmara Municipal de Araxá reconheceu-o como instituição de "utilidade pública".



JOÃO RIBEIRO DE SOUZA

(1864 - 1949)

Em meados do século dezenove, vários descendentes de famílias da cidade de Oliveira emigraram para as regiões de Araxá e Tapira. Entre eles, os Martins Borges, os Simões Lima, os Souza, os Ribeiro Resende, os Ferreira Resende.

José Maria de Souza e Leopoldina Ribeiro Resende adquiriram terras na fazenda da Boa Vista, nas Antas (Tapira), onde nasceu *João Ribeiro*. Ele era o terceiro filho do casal.

Com a morte prematura do pai, assumiu a responsabilidade dos negócios, saldou todos os compromissos que ele deixara e, por muitos anos, negociou gado entre Goiás e sul de Minas.

Casou-se com Maria Januária Borges com quem teve 16 filhos, dos quais sobreviveram 13: Claudionor, Guiomar, Claudemira, Odília, Clotildes, Adélia, Rita, Geni, Maria Luzia, João, Dagmar (Ir. Domitila), Esperança e Wilson. Conhecido como bom tocador de viola e marcador de quadrilha preferido, dentre outros, gostava de festas e de fazer versos.

Empreendedor, não só conservou as terras herdadas, bem como ampliou o seu patrimônio. Adquiriu fazendas e terrenos urbanos bem localizados. Da família italiana *Gatte*, comprou um sítio, entre a cidade e o Barreiro, espaço hoje correspondente a atual *Vila João Ribeiro*. Como prova da confiança no desenvolvimento de Araxá, autorizou que passasse, dentro de sua propriedade, a Estrada de Ferro inaugurada em 1926.

Ainda no alto da atual avenida Imbiara construiu, em 1928, uma bela casa hoje ocupada pelo CEM — Centro Educacional Moderno.

A grande amizade com o político João Jacques Montandon foi quebrada por uma promessa não cumprida, o que o fez passar para o *Partido dos Ferreiristas*.

Sua atuação na comunidade dotou-o de poder e de uma imagem de *coronel* e, como tal, chegou a presidir o *Partido Republicano de Araxá*.

Ao final de sua vida, havia perdido os bens materiais em função de palavras e compromissos assumidos.

Uma curiosidade: uma de suas netas é proprietária de um relógio que o avô adquiriu, em 1913, da Prefeitura de Araxá. Segundo a tradição, o antigo relógio pertenceu a Dona Beja.



JOAQUIM DE PAULA MACHADO

(1905 - 1972)

Pela linha paterna ele descende de família proveniente do Desemboque (MG). Sua avó Francisca Maria de Oliveira Machado era irmã do Capitão Belarmino de Paula Machado, intendente municipal durante a transição do Império para a República e, depois, coletor estadual.

Dos 12 aos 19 anos trabalhou na imprensa araxaense ao lado de profissionais como Joaquim Ewandinack Porfírio de Azevedo e Odon Vieira.

Na fase adulta assumiu os cargos de Escrevente e Tabelião Substituto do Cartório do 2º Ofício de Notas, do Judiciário e do Cartório de Registro de Títulos e Documentos, cargos até então exercidos pelo seu tio materno, José Franklin de Oliveira.

Depois de substituir o tio nos cargos mencionados efetivou-se como Tabelião Titular, outorgado pelo então governador Juscelino Kubitscheck.

Foi casado com Maria Abadia Machado, a D. Didi. Considerava seu maior legado, fruto de esforço e abnegação, a educação universitária que propiciou aos seus sete filhos: Paulo de Tarso, Marcelo Gusmão, Fernando Eugênio, Maria Lúcia, Lucila, José Alberto e Júlio César. Com a expressão "*a vida é um sopro...*" costumava manifestar a idéia de que era preciso vivê-la intensamente.



JOSÉ ADOLPHO DE AGUIAR

(1893 - 1960)

Pertence a um exemplo clássico de família formada em torno da terra e que, há dois séculos, permanece na região de Araxá.

Filho primogênito de Adolpho Ferreira de Aguiar e Maria Rita da Silva Aguiar, nascido em 28 de junho de 1893, teve um único irmão, Arlindo.

Estudou no Colégio Diocesano de Uberaba e, ainda cedo, com a morte do pai, tornou-se seu legítimo herdeiro e fiel representante. Dedicou-se às atividades agropecuaristas, aos negócios e à política.

À frente do *Partido Republicano Mineiro* ou *Partido Ferreirista* protagonizou a versão local do coronelismo, aliando poder político e força econômica.

Ao longo de sua vida recebeu em sua propriedade — a Fazenda São Matheus — diversas personalidades do cenário nacional.

Fundou o Partido Social Democrata de Araxá — PSD — através do qual venceu as eleições para prefeito (1947—1953) e vice-prefeito (1952—1954).

Casado com Silvéria Ferreira de Aguiar teve 4 filhos: José Ananias, Adolpho José, Tereza Conceição e Alonso José.

Ao lado da mulher deixou, também, sua marca na vida religiosa araxaense. Juntos, eles lideraram festas beneficentes, colaboraram — financeiramente, inclusive — com a construção da Igreja Matriz de São Domingos e doaram à comunidade a Igreja Sagrada Família, totalmente edificada.

Como homem público e administrador ligado à terra, foi presidente da Associação Rural de Araxá (1952—1954). Por duas vezes foi provedor da Santa Casa de Misericórdia onde deixou seu nome inscrito nas categorias de benemérito, remido e benfeitor.

De estilo conservador, amante das antigüidades, reuniu, ao longo dos seus 67 anos, imensa coleção de xícaras.



JOSÉ FLORÊNCIO DA FONSECA
(ZECA DO ALFREDO)

(1865 - 1947)

Mais conhecido como *Zeca do Alfredo*, é natural de Araxá assim como seus pais, Alfredo e Amaziles Fonseca, e os 6 irmãos: Trajano, Pedro, João, Natalina, Natércia e Ubaldina.

Ervanário diplomado, casado com Francisca, teve 4 filhos: Gilberto, José, Benedita e Maria de Lourdes.

Iniciando a vida profissional, foi proprietário de uma “venda” onde se encontravam tecidos, mantimentos, louças e outros produtos. No mesmo estabelecimento funcionavam, paralelamente, uma barbearia e um salão de jogos.

Mais tarde abriu “A Merendeira”, uma espécie de lanchonete que vendia as guloseimas da época. Manteve o mesmo espaço de jogos e um outro, para alfaiataria, seus passatempos prediletos.

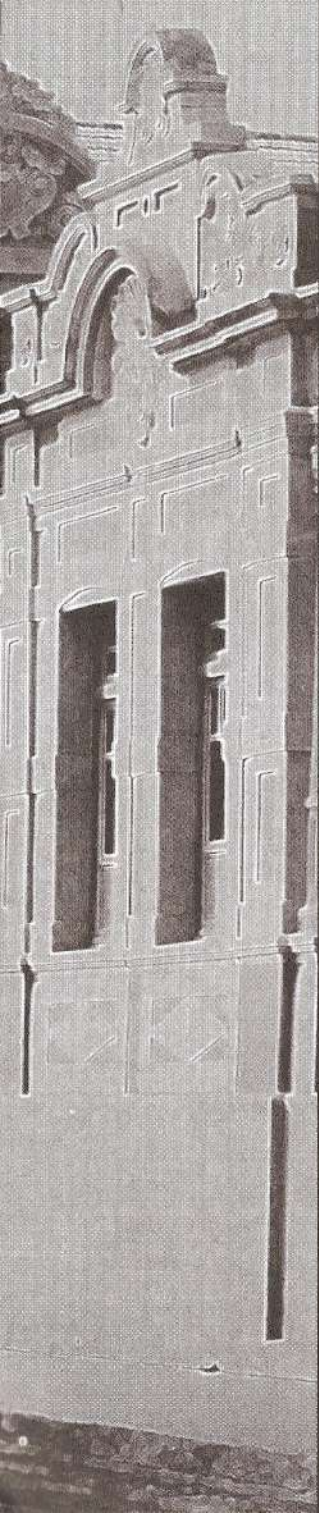
Uma de suas grandes paixões era a natureza, especialmente a flora, que o levou a pesquisar sobre o valor medicinal que as plantas, ervas e raízes resguardavam.

Depois de produzir remédios caseiros para o consumo próprio, começou a oferecê-los à família e aos amigos. Aos poucos suas fórmulas atendiam a toda a comunidade.

Tinha o hábito de fazer anotações em cadernetas. Nelas, a família pôde ler informações sobre sua vida pessoal, sobre as benzeduras que fazia como católico devoto de São Francisco e sobre suas fórmulas milagrosas, escritas na íntegra.

A mais notória de suas criações foi batizada com o nome do criador. “*A Gota do Zeca*” ficou fixada na memória da população como um “remédio que servia para tudo”.

Zeca do Alfredo — hoje nome de uma rua na vila João Ribeiro — preparou remédios durante quase toda a sua vida. Suas fórmulas são conservadas pela neta Neyde Fonseca, herdeira do tesouro do ervanário.



JOSÉ FRANKLIN DE OLIVEIRA
(ZEQUINHA MARCENEIRO)

(1878 – 1955)

Nasceu em Oliveira (MG), filho de Francisco Gomes de Oliveira e Laudelina Maria de Oliveira.

Antes da virada do século vinte, sua família estabeleceu-se em Araxá, fixando residência na antiga Av. d'Abadia (hoje, Av. Antônio Carlos, esquina com a rua Calimério Guimarães).

Obteve, para a época em que viveu, esmerada formação educacional, cultural e religiosa. Ingressou no Seminário de Mariana onde também foram seminaristas seus contemporâneos: Elias Porfírio de Azevedo e Joaquim Tobias Ribeiro de Paiva. Mais tarde completou seus estudos em Ouro Preto.

O tabelionato foi a profissão que praticou até aposentar-se em 1954. Em local anexo à sua residência, exerceu as atividades de Tabelião do Cartório do 2º Ofício de Notas, do Registro Especial de Títulos e Documentos e Escrivão do Cartório Eleitoral.

Alguns traços são característicos da sua personalidade: homem elegante e culto, teve destacada participação nos eventos sociais e religiosos de Araxá. Celibatário, transferiu aos sobrinhos todo o amor de um *pai*.



JOSÉ GASPAR DE AFFONSECA E SILVA

(1901 – 1943)

Membro de famílias pioneiras locais, seu nome José Ihe foi dado pelos pais (Sebastião de Affonseca e Silva e Prozolina Porfírio Affonseca) e Gaspar, pela madrinha e tia-avó (Bernardina). Além da devoção religiosa da família, ele nasceu em 6 de janeiro, dia dos *Santos Reis*. Teve 12 irmãos: Sebastião, Celidônio, César, Saul, Maria, Agar, Clélio, Filotéia, Filotéia, Jésus, Sebastião, Terezinha.

Desde criança notou-se sua inclinação pelas atividades religiosas e, aos 7 anos, preparado por sua mãe, fez a Primeira Comunhão. Aos onze anos foi residir em Itu (SP) onde entrou para o Colégio São Luís. Por ser um aluno exemplar e piedoso recebeu o apelido de “*Vigarinho*”.

Ingressou no Seminário Maior, ordenando-se sacerdote em 12/08/1923 em São Paulo. Sua primeira missa foi rezada em Araxá, na antiga Igreja Matriz, por ocasião da Festa de Nossa Senhora d’Abadia. Atuou como coadjutor da Paróquia da Consolação em São Paulo e ali abrigou os refugiados da Revolução de 1924.

Entre 1924 e 1927 esteve na Europa, onde doutorou-se em Direito Canônico na Universidade de Roma. Regressou ao Brasil para lecionar no Seminário Maior, tendo sido nomeado para várias cadeiras: Direito Canônico, Teologia Moral, História da Arte e comentários da “*Divina Comédia*”.

Tornou-se Reitor do *Seminário Central da Imaculada Conceição* e, em 1935, foi designado Bispo Titular de Barca e Auxiliar do Arcebispo Metropolitano, função que exerceu até 1937.

Em 1939 Dom José Gaspar de Affonseca e Silva foi designado Arcebispo Metropolitano de São Paulo. Durante sua gestão ampliou a obra de seu antecessor implantando diversos projetos. Em 1942 organizou o IV Congresso Eucarístico Nacional e ofereceu sua vida a Deus pelo sucesso do evento.

Em 1943 sofreu um acidente aéreo quando chegava ao Rio de Janeiro. Sua morte prematura levou à comoção milhares de pessoas que assistiram ao seu funeral em São Paulo.

Amante da natureza, da música, dos pobres e dos doentes, ele adorava as crianças e está vivo na lembrança de paulistanos e araxaenses.

Hoje, o *filho ilustre* de Araxá dá nome a uma de nossas ruas e a uma escola. Denomina também uma conhecida praça na capital paulista. Na Cúria Metropolitana de São Paulo, encontra-se sua máscara mortuária.



JOSÉ JACINTO
—
(JOSÉ BAGACEIRO)

(1924 – 1998)

Lavrador, nascido em Serra do Salitre (MG), chegou em Araxá há 40 anos, aproximadamente, para trabalhar nas fazendas, por empreito, fazendo cercas e abatendo pastos.

Na época, seus pais Rosa Marcelina e Sebastião Jacinto Crispim (este, descendente de escravos) já residiam aqui. Seu pai ficou conhecido entre a população por benzer de “quebranto”, “vento virado” e “dor de cabeça”. A pedido dos fazendeiros benzia também propriedades e criações de gado. Do pai José Jacinto herdou o dom da benzedura.

Viveu e morou nas proximidades da Igreja de Santa Rita. Praticando a religião católica ingressou no grupo de Folia de Reis do bairro e tornou-se um autêntico folião. Esta tradição, aliada ao gosto por bebida, rendeu-lhe o apelido de *José Bagaceiro*.

Foi casado com Divina de Jesus e teve 14 filhos: Paulo, Gentil, Moacir, João dos Reis, José Maria, Roberto, Joana D’Arc, Maria, Creuza, Neuza, Terezinha (falecida), Terezinha, Donizete e Márcio.

Aos filhos transmitiu o ensinamento cristão e ao genro, Jair, transferiu a posição de membro efetivo de um grupo de folia.



JOVINIANO BATISTA DE OLIVEIRA

(SEU JOVI)

(1907 – 1999)

O popular *Seu Jovi*, filho de Tibúrcio Batista de Oliveira e Brasilina Maria da Conceição, nasceu na casa de seu avô materno, à rua Santa Rita, onde viveu toda sua vida.

Desde criança manifestou sua paixão pelas bandas de música acompanhando-as em seus percursos pelas ruas de Araxá.

Ainda na infância começou a trabalhar como pedreiro e, mais tarde, conciliou sua atividade com a de músico.

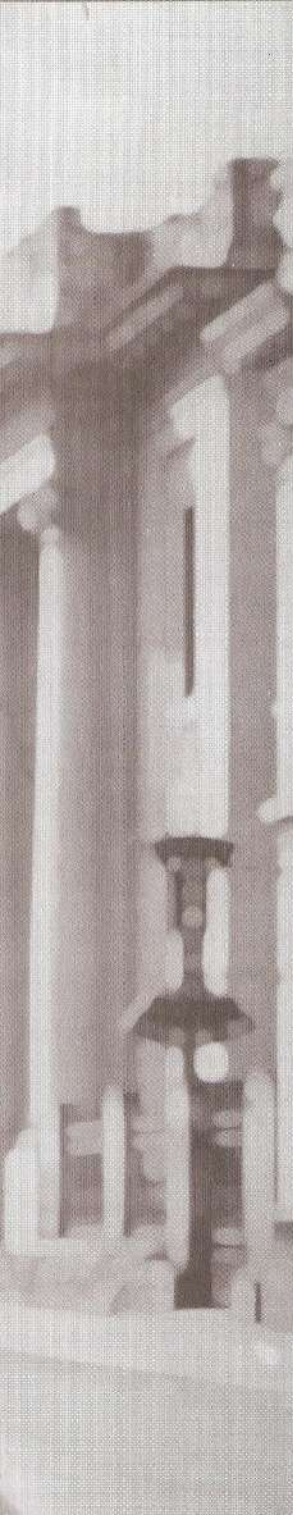
Em 1917 fez parte do grupo liderado por Cláudio José de Faria que fundou, dois anos depois, a *Corporação Musical Lyra Araxaense*, a segunda da cidade, posterior à *Santa Cecília*. Inicialmente a *nova* banda foi regida pelo professor Porfírio Maciel.

Os integrantes da corporação, também conhecida por *Banda do Cláudio*, tocaram em público, pela primeira vez, na Festa do Rosário de 1920.

Seu Jovi lembrava-se com saudosismo das apresentações da Banda, dentre elas a da inauguração da Estação Ferroviária, a da parada da Revolução de 30, as das cerimônias em que os distritos de Araxá foram elevados à cidade, assim como de outras em Uberaba e Sacramento.

Como pedreiro ele trabalhou até a década de 30 e, a partir dessa data, exerceu a profissão de pintor, aposentando-se em 1991.

Foi casado com Divina Alves de Oliveira com quem teve cinco filhos: Rosita, Rosa, Rosalvo, Ana Maria e Ana Lúcia. Da família ele recebeu apoio irrestrito na sua atividade de músico até 1990, quando encerrou sua participação na "*Lyra Araxaense*".



JULIETA CARNEIRO DE PAIVA

(1903 – 1969)

Descendente dos Carneiro de Mendonça, ela representa um dos troncos que deram origem a vários ramos familiares de Araxá. Muitos membros dessa família participaram intensamente da nossa formação rural e urbana a partir do final do século dezoito e início do dezenove.

Nasceu na Fazenda Pirapetinga (município de Araxá), propriedade de seus pais, Pedro Carneiro de Paiva e Celuta de Almeida Paiva. Na mesma fazenda nasceram seus irmãos: Marieta, Antonieta, Anna, Maria Aparecida, Pedro e José.

Para realizar os primeiros estudos, deixou a fazenda e veio para a cidade. Aqui hospedou-se com o tio Veríssimo Vieira de Paiva, o *Barão Veríssimo*.

Depois do casamento com o comerciante Olímpio Pereira Marques, passou a residir no "Largo de São Sebastião" onde viveu até o seu falecimento. Teve 7 filhos: Geraldo, Oswaldo, Maria Auxiliadora, Waldir, Ieda, Júlio César e Carlos Alberto.

Saiu à frente das mulheres do seu tempo, tendo ocupado por mais de 40 anos um espaço no mercado de trabalho. Ao lado do marido e dos filhos foi responsável pela *Casa Olímpio* que, durante décadas, constituiu-se em uma das mais sólidas casas comerciais da cidade.

Sem se descuidar das tarefas tradicionalmente atribuídas à mulher, conciliou a profissão de comerciante com as funções de mãe, mulher e dona de casa. Entre o balcão de mercadorias e o universo familiar onde costurava, cozinhava ou prestava assistência social, ela exerceu plenamente a sua cidadania.



LEONILDA SCARPELLINI MONTANDON

(1904 – 1991)

Araxaense, filha de Alexandre Scarpellini e Maria Augusta Montandon, perdeu o pai ainda criança. Em companhia da mãe foi morar com o avô materno, Dr. Eduardo Montandon, de quem recebeu a formação humana e religiosa que conduziria sua vida.

Iniciou seus estudos como aluna do *Colégio Infantil de Araxá*, cursou o 2º ano primário em Estrela do Sul, depois frequentou o Grupo Escolar Delfim Moreira e o antigo "Colégio de José Bento". Por último, no Colégio Nossa Senhora das Dores em Uberaba, fez o Curso Normal.

Sua vocação para o magistério começou a se concretizar em Araxá, ao fundar com outras colegas, em 1921, o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Em 1924 ingressa no *Delfim Moreira* como professora efetiva.

De Araxá ela partiu para Uberlândia onde lecionou e integrou uma orquestra de "cinema mudo". Já tocava violino, o instrumento de sua preferência musical.

Em Belo Horizonte, a partir de 1929, aperfeiçoou-se em pedagogia, dedicando-se ao estudo dos principais métodos e processos da chamada *Escola Ativa*.

Sua trajetória no ensino ampliou-se. Ocupou cargos de direção e de inspeção escolares em âmbitos municipal, regional e estadual.

Foi eleita a segunda presidente da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais (1937 — 1941). Participou de Congressos sobre Educação e colaborou com artigos em revista especializada. Depois de aposentar-se, em 1955, continuou lecionando por mais de uma década, no Colégio São Domingos.

Dona Leonilda foi membro atuante da Academia Araxaense de Letras. Publicou importantes obras: *Vamos Conhecer Nossa Cidade*, *Vamos Conhecer Minas Gerais*, *Vamos Conhecer o Brasil*, *Vamos Conhecer Nosso Mundo*, *Vamos Conhecer Nossa História* e *Vamos Conhecer Araxá*.

Dedicou-se de corpo e alma à assistência social e aos movimentos religiosos. Presidiu a *Ação Católica* e a *Fraternidade Leiga de São Domingos*, participou da criação do SOS — Serviço de Obras Sociais e fundou a Casa do Menor Júlio Dário.

Em 1977 e 1986 recebeu a *Medalha da Inconfidência*, comenda máxima concedida pelo governo de Minas Gerais.



LÍDIA BRUNO
(MADAME FRANCESA)

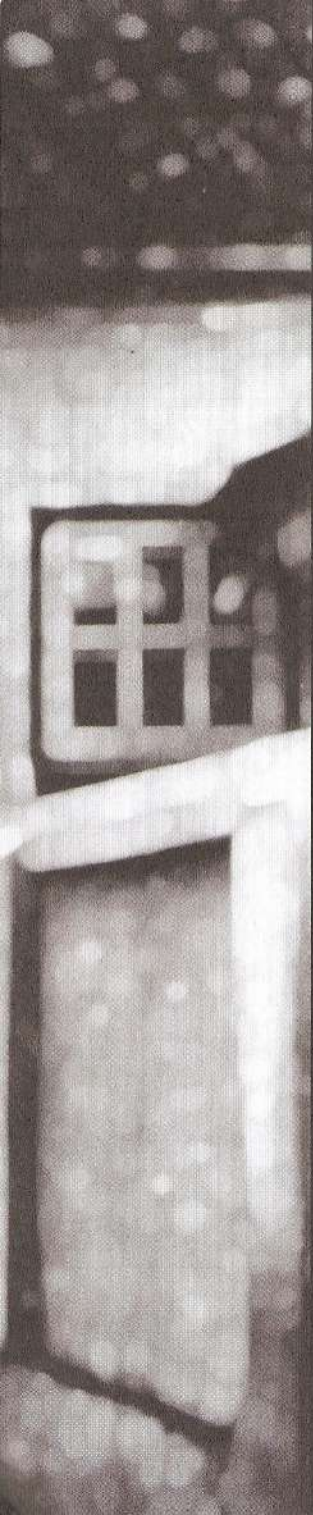
Todos que a conheceram ou que se acostumaram a vê-la com suas feições estrangeiras, impecavelmente vestida com rendas, sedas, meias finas, chapéu e luvas referiam-se a ela como *Madame Lídia* ou *Madame Francesa*.

Não é possível obter dados pessoais precisos sobre a vida desta mulher que deixou sua marca na história da cidade. Tibúrcia de Ávila, sua grande amiga, revelou-nos alguns em 1985.

Provavelmente, ela teria nascido na fronteira entre a Itália e a França devido à identidade que possuía com a cultura francesa e ao sobrenome de origem italiana.

Com o marido, o alemão Emílio Hirschle, chega a Araxá por volta de 1917. O casal teria ido à Argentina em viagem de núpcias. Ao retornar, passando pelo Brasil, estoura a Primeira Guerra Mundial e a permanência no Rio de Janeiro torna-se inevitável.

Seguindo a linha férrea chegaram até Ibiá onde adquiriram uma propriedade rural. Com a vinda para Araxá mudaram radicalmente de atividade profissional. Construíram o *Hotel dos Estrangeiros*, o primeiro hotel de porte do Barreiro, mais tarde, vendido e transformado em *Hotel Rádio*.



LUIZ COLOMBO

(1871 – 1948)

O italiano Luiz Colombo, construtor, pouco conhecia do Brasil e mal dominava o idioma português, quando desembarcou no Porto de Santos, em 1895.

Em 1900, passando por Araxá, encontrou espaço no mercado da construção civil e a sua estada, que inicialmente seria provisória, tornou-se definitiva.

Seu desempenho profissional repercutiu favoravelmente, já que Araxá passava por uma profunda transformação urbana.

Foi responsável pela reconstrução da Cadeia Pública, do antigo Balneário, pelo calçamento e meio-fio da antiga Rua de Pedras, dentre outras. Passou a fabricar tijolos e chegou a possuir duas olarias nos arredores da cidade.

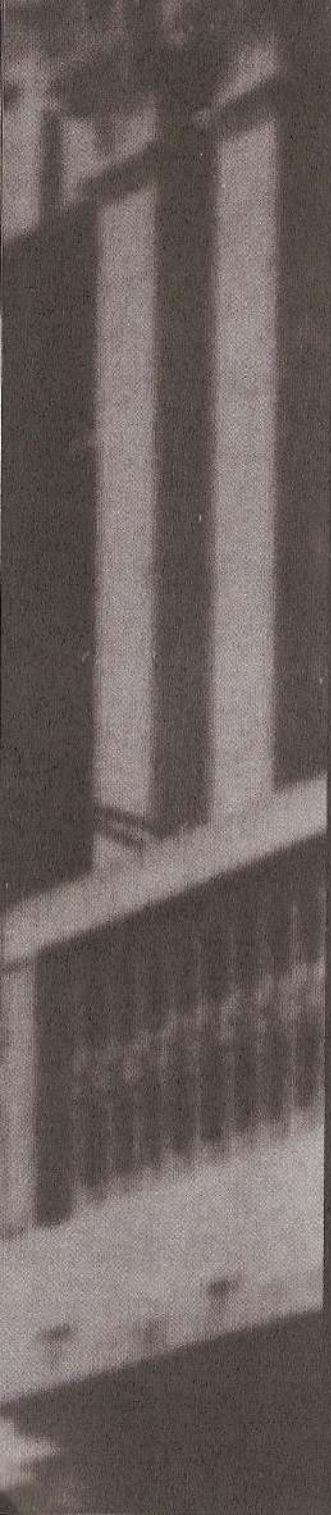
A amizade com os irmãos Scarpellini aproximou-o de Virgínia, uma das irmãs dos italianos que aqui já residiam e com quem se casou. Eles tiveram 5 filhos: Yolanda, Iracema, Ernestina, José e Atílio.

Vislumbrando o aproveitamento do potencial das águas minerais do Barreiro, construiu o *Hotel Colombo*, inaugurado na cidade por volta de 1910. Depois o hotel foi ampliado, passando a contar com um disputado espaço de lazer: o cassino.

Em 1929 inaugurou o *Hotel Colombo*, próximo às fontes do Barreiro, atendendo aos desejos de seus hóspedes mais freqüentes.

A partir de então, as ampliações e reformas do prédio dotaram o hotel de salão de festas, cassino e outros atrativos que lhe garantiram tradição e renome em hotelaria.

Atualmente a terceira geração dos *Colombo* dirige o empreendimento, empenhada em modernizar e, sobretudo, em preservar o patrimônio histórico-cultural herdado dos avós.



MANOEL DE ÁVILA LEMOS
(NEQUINHA LEMOS)

(1879 - 1932)



origem da família Lemos remete à história dos países ibéricos (Portugal e Espanha). Registros seculares dão conta de que alguns de seus membros participaram diretamente da formação do Estado Português.

Assim, os Lemos são originários de “Trás-os-Montes e Alto Douro”, províncias de Portugal. Os primeiros deles vieram para o Brasil no início do período colonial e radicaram-se no Rio de Janeiro. Do litoral brasileiro chegaram ao interior de Minas Gerais com o objetivo de adquirir terras.

Assim como os seus antepassados portugueses, os Lemos dedicaram-se, sempre, às atividades agropecuárias. Nequinha Lemos, filho de Hipólita Cassiana Lemos e Manoel de Ávila, nasceu em Araxá, na Fazenda dos Patos.

Quando criança, passava as férias com os avós, no Rio de Janeiro, hábito que influenciou na formação de sua personalidade. Bom *gourmet*, apreciava colônias francesas, músicas clássicas e ternos de casimira inglesa. Inovador, foi precursor de várias ações no campo agropecuário e pioneiro na importação do gado zebu para o Brasil.

Foi casado com Aureliana Machado e teve 15 filhos: Adolfo, Josina, Astolfo, Antenor, Rodolfo, Manoel, Manoela, Geraldino, Hipólita, Juvenília, Dionília, Agenor, Leonilda, Hilda e Maria Abadia.

Participou ativamente de obras beneméritas da cidade, entre essas, a construção do Colégio São Domingos e a fundação do Asilo São Vicente de Paulo.

Foi ele o autor da célebre iniciativa de calçar confortavelmente uma de suas vacas, a “Alba”. Com fim comercial, mostrou-a usando botinas especiais. Assim despertou a atenção nacional para uma das primeiras crias da então raça *Hindu-Brasil*.



MARCOS TOMASOVICH

(1884 – 1978)

O iugoslavo *Marcos Tomasovich* nasceu na cidade de Split. Ao deixar seu país de origem pretendia chegar aos Estados Unidos, entretanto não foi possível. Seguiu para o Chile, depois foi à Argentina e, finalmente, em 1910, desembarcou no Brasil “na esperança de dias melhores”.

O diploma de cirurgião dentista e o conhecimento técnico altamente valorizado, naquele momento, abriram-lhe as portas para o exercício da profissão. Trabalhou no Rio de Janeiro e, depois, seguindo a linha férrea residiu em algumas cidades mineiras até chegar a Ibiá e, posteriormente, a Araxá.

Desde que aqui chegou, em 1918, conquistou clientela própria. Casou-se com Ondina Pacheco de Araújo com quem teve um único filho, o médico Milton Tomasovich que, por sua vez, deu-lhe netos e bisnetos brasileiros.

Faleceu em Araxá aos 94 anos e, embora estivesse perfeitamente adaptado à vida araxaense, preservou o costume natal de consumir o vinho e a batata na alimentação diária.



MARIA AUXILIADORA DE PAIVA

(1930 - 1993)

Suas origens familiares estão vinculadas à família Ferreira de Aguiar, cujos membros mais antigos estabeleceram-se nas terras da região, no final do século dezoito.

Filha de Cristóvam Alves de Paiva e Irinéia Alves de Paiva teve sete irmãos: José Joaquim, Pedro, Tobias, Cristóvão, Maria do Carmo, Francisco e Maria Bernadete.

Viveu a infância na fazenda e, desde então, começou a expressar virtudes que fariam com que seguisse os caminhos do magistério e da religião (quando brincava de dar aulas e de falar de Deus aos empregados).

Esponaneamente reuniu para si as atenções do pai, mas foi da mãe que veio o estímulo para colecionar imagens de santos e álbuns de estampas com conteúdo católico.

Seguindo a tradição da família recebeu formação dominicana, concluindo o curso normal em Araxá. Voluntariamente passou a lecionar para domésticas e a ministrar o catecismo. Não deixou, porém, de participar da associação religiosa denominada "Oratório Festivo".

Dedicou seu tempo, ainda, aos cuidados dos irmãos mais novos até transferir-se para Uberaba onde estudou História e Geografia na Faculdade São Tomás de Aquino. Ao concluir o curso superior continuou lecionando na própria faculdade e no Colégio Nossa Senhora das Dores. Em 1960, com a morte da mãe, retornou a Araxá reassumindo, junto ao pai, o papel de filha afetuosa.

A partir de então dedicou-se totalmente ao magistério, à família e à religião. Durante mais de 40 anos foi professora no ensino público e particular, chegando, inclusive, a lecionar no Seminário do Colégio Dom Bosco.

Como adepta da Teologia da Libertação desenvolveu um trabalho social de amplo alcance. Foi membro da *Legião de Maria*. O desprendimento, em relação aos bens materiais, que lhe era peculiar, permitiu que investisse nos estudos dos sobrinhos.

Ao perder o pai, em 1970, optou por ingressar no Convento das Dominicanas. Esta decisão lhe valeu a experiência e a certeza de que a congregação não era o seu lugar e, sim, o ambiente em família.

Inúmeras pessoas desfrutaram das ações religiosas por ela empreendidas. Sua imagem como professora está eternizada em várias gerações de estudantes e na Escola Municipal Professora Auxiliadora Paiva.

MARIA DA CONCEIÇÃO SOARES BORGES

(MARIA DO CORREIO)

(1916 – 1979)

De família tradicionalmente católica, viveu toda a sua vida entre os pais, os irmãos e os sobrinhos.

Nasceu em Araxá, na Fazenda Garimpo do Ouro. Foi a primeira filha de José Mariano Borges e Cassulina Soares Caldeira Borges.

Estudou na Escola Nossa Senhora Auxiliadora com a professora Luiza Batista Machado. Perfeccionista, ainda cedo aprendeu a costurar, contribuindo na ampliação da mão-de-obra feminina.

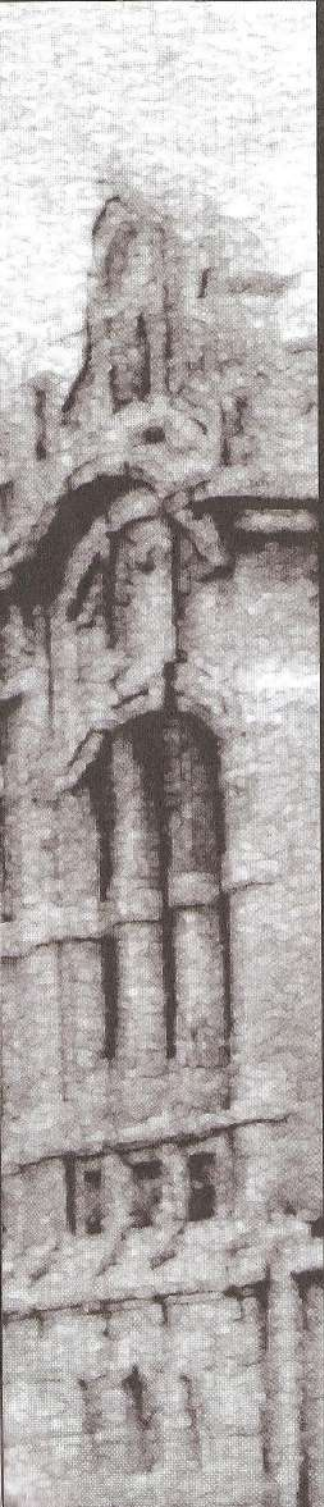
Em busca de melhores perspectivas de vida empregou-se na Rede Telefônica. Depois, por volta de 1937, passou a trabalhar na "Casa de Banhos", o antigo balneário do Barreiro.

A partir de então tornou-se conhecida por seus dons de antever o futuro. Pelas cartas de baralho, a "vidente de Araxá" aconselhou personalidades de Minas Gerais e do país, homens de negócios, mulheres famosas e cidadãos comuns. Algumas de suas previsões tornaram-se célebres na mídia nacional.

Entre os anos de 1950 e 1970, seu nome esteve vinculado à divulgação da Estância Hidromineral do Barreiro. No início dos anos 50 tornou-se funcionária dos Correios, trabalhando, até se aposentar, como postalista responsável pelo serviço aéreo. Os Correios deram-lhe a garantia da sobrevivência e o maior referencial ao seu nome Maria.

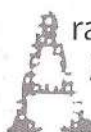
Não se casou e não teve filhos, mesmo assim realizou-se na esfera da maternidade ao adotar, legalmente, seis dos seus sobrinhos. Vaidosa, gostava de usar jóias, principalmente, o broche que ostentava uma carta de baralho.

Tempos depois de sua morte a Câmara Municipal de Araxá prestou-lhe homenagem ao registrar o seu nome em uma das ruas do Bairro Salomão Drummond.



MARIA SALERNO MELASIPPO
(D. PEQUETITA)

(1895 - 1989)

 Araxaense, ficou conhecida pelo apelido de “D. Pequetita”. Filha de Cândido Manoel dos Reis e Luíza Salerno dos Reis foi criada pelos seus avós, Luís Boaventura Salerno (juiz de direito) e Gabriella Arcanja Benigna da Silveira (professora). Vivendo na rua “Boa Vista” recebeu da avó e professora as lições de vida e de alfabetização.

Aos 16 anos começou a costurar, sozinha, desfazendo a roupa, recortando e costurando-a novamente, até aprender todo o processo. Depois diplomou-se pela Escola de Corte e Costura Santa Ignez de São Paulo, de onde trazia o material e as formas para confeccionar chapéus de palha com acessórios decorativos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, em Araxá, conheceu o italiano Alfredo Melasippo — proprietário da Sapataria Veneza — com quem se casou e teve 10 filhos: Conceição, Mauro, Maria Antonieta, Luíza, Alfredo, Paulo, Adelina, Irma, Ivone e Nelly.

Viveu em Araxá até 1948, quando se mudou para Belo Horizonte e continuou atuando, com prestígio, nas áreas de costura e de chapelaria. Contudo não perdeu o vínculo com a terra natal e com as amigas da infância e da mocidade.

D. Pequetita, conforme depoimentos, foi uma mulher simpática e simples, dinâmica e empreendedora e, sobretudo, criativa.



MÁRIO DE CASTRO MAGALHÃES

(1892 – 1967)

Oitavo filho do Capitão Antônio Chaves de Magalhães e de Maria José de Castro, ele tinha 12 anos quando os Magalhães, vindos de Oliveira, se mudaram para Araxá.

Aqui a família, acrescida ainda pelos filhos Maria (D. Iaiá), Cândida, Olga, Alice, Maria José, Rosa, Antônio, Mário, Lauro, Sílvia e Laura, esteve ligada a vários empreendimentos que introduziram serviços pioneiros.

Em 1916 formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo e publicando tese sobre obstetrícia.

Ao começar a clinicar tornou-se o “primeiro médico oficial das fontes”. Como médico crenologista sonhou fazer de Araxá “um paraíso para repouso e descanso”, oferecendo tratamento médico por meio das águas.

Participou intensamente de congressos, no Brasil e no exterior, ministrando conferências sobre as nossas águas. Publicou trabalhos científicos sempre divulgando a história e o potencial do Barreiro.

Dirigindo o *Aeroclube* local ou atuando na fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Araxá despontou-se como líder. Como vice-prefeito eleito pelo Partido Social Democrático (PSD) em 1947, chegou a assumir o cargo de prefeito durante licença do titular, José Adolpho de Aguiar.

Na década de 50 idealizou a fundação do Instituto de Hidrologia e Climatologia de Minas Gerais e foi membro do Conselho da Biblioteca Pública Municipal de Araxá. Com a criação da Hidrominas em 1964, integrou o seu Conselho de Climatologia e Crenoterapia.

A versatilidade profissional que o caracterizou é, sobretudo, fruto da sua dedicação à medicina. Do médico revelou-se o cientista, o jornalista, o pesquisador, o escritor, o conferencista e o político.

Casado com Juvenília Aguiar, constituiu uma família de 4 filhos: Stella, Maria José, Beatriz e Jarbas.

Por mais de meio século dedicou-se ao estudo das águas minerais do Barreiro e lutou pelo seu real aproveitamento.

Para a imprensa mineira, a sua morte, aos 75 anos, representou “luto na crenologia brasileira”.



MAX NEUMANN

(1905 – 1993)

Nasceu em Nuremberg, na Alemanha. Aos 20 anos, depois da morte de seu pai e diante da difícil situação do seu país após a Primeira Guerra Mundial, decide emigrar para os Estados Unidos. Na véspera do embarque os americanos impedem a entrada de imigrantes. Na tentativa de sobreviver, escolhe aleatoriamente o Brasil, onde desembarca em 1926.

Durante o primeiro ano, em São Paulo, passa por diversos empregos. Trabalhando numa alfaiataria, em 1927, conhece Domingos Zema que já reside em Araxá. Este o convida para vir trabalhar na seção de peças de sua revenda Ford onde permanece até 1935. Nesta data estabelece-se por conta própria com um comércio de representações e uma indústria de pedra britada.

Casa-se com Santina Adelaide Neumann e com ela educa os seus dois filhos, Willy e Emílio, segundo a tradição germânica: pautada no respeito, na seriedade e na honestidade.

Com escolaridade equivalente ao ensino médio, tem como lazer predileto as viagens pelo Brasil e pelo exterior.

Integra-se perfeitamente à vida araxaense. Filia-se ao PSD (Partido Social Democrata), torna-se presidente da ACIA (Associação Comercial e Industrial de Araxá) e sócio-fundador do Rotary Club de Araxá. Como rotariano desenvolve ações voltadas para a assistência social.

O serviço de extração de pedra por ele prestado na construção do *Grande Hotel* exige equipamento especial como medida de segurança. Na impossibilidade de encontrar um capacete adequado adota um chapéu de caçador africano. A partir de então este acessório torna-se sua marca pessoal, um símbolo que o acompanha pela vida.

Durante a Segunda Guerra Mundial, cria, em parceria com o amigo Hans Wolf (também alemão), um sistema diferente de gasogênio. O invento supre a falta da gasolina no transporte da brita até a obra. A solução encontrada pelos alemães, naqueles tempos de guerra, é reconhecida pelo então presidente Getúlio Vargas. Em visita às obras do Barreiro, ele presencia o trabalho da indústria de Max e Hans e lhes concede uma premiação, recebida por ambos, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.



MILTON TOMASOVICH

(1920 – 1998)

Filho de Ondina Pacheco de Araújo e do iugoslavo Marcos Tomasovich, nasceu em Araxá, na antiga Rua do Comércio. Ainda na primeira infância ficou órfão de mãe e, desde então, foi criado sob os cuidados do pai. Da avó e da tia, Marina Araújo, recebeu as atenções maternas.

Estudou inicialmente no Colégio Dom Bosco e, mais tarde, seu pai o enviou a Juiz de Fora para que pudesse estudar no célebre *Instituto Granbery*.

Concluído o ciclo, mudou-se para o Rio de Janeiro com o objetivo de cursar medicina. Um problema de saúde adiou os seus planos de estudante e o obrigou a retornar a Araxá. Recuperado fisicamente, aventurou-se pelos garimpos de Estrela do Sul até a retomada dos estudos.

Em Belo Horizonte ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Depois de formado clinicou em Campina Verde (MG) e, em 1949, de volta a Araxá, tornou-se médico no Barreiro.

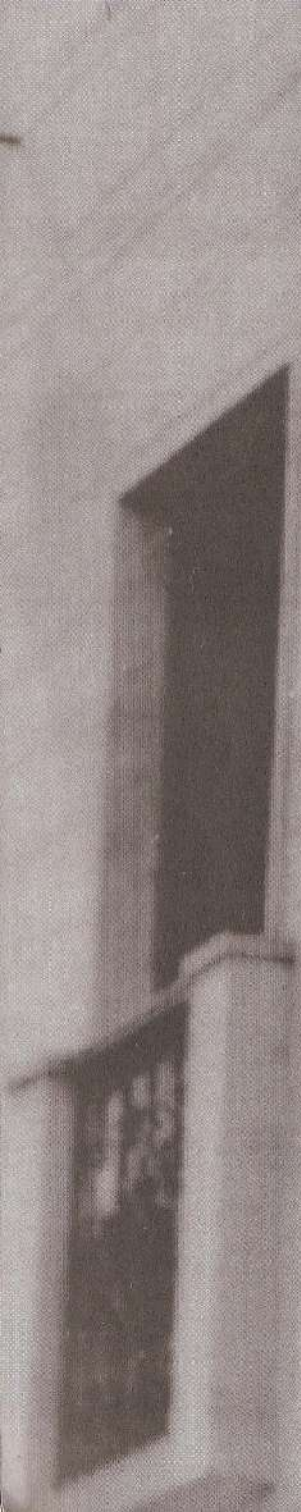
Nos seus consultórios, instalados nas Termas e também no Hotel da Previdência, atendeu durante 45 anos às maiores autoridades políticas, científicas, religiosas, empresariais e esportistas do país. Muitos funcionários do complexo turístico e moradores do Barreiro receberam, porém, gratuitamente, os seus cuidados médicos.

Os seus pacientes compunham diversos segmentos sociais e com todos eles cultivou relações de amizade que se prolongaram por toda a sua vida.

Entre 1963 e 1965 assumiu a presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Araxá. Especializou-se em diabetes na "*Harvard Medical School*" Boston, Massachusetts, em 1986.

Foi casado com Terezinha de Abreu Tomasovich e teve 4 filhos: Maria Josephina, Ondina, Marcos Rodolfo e Milton. No cinquentenário de sua formatura, em 1997, foi agraciado com o diploma de honra ao mérito pela Associação Médica de Araxá.

Durante a vida dedicou-se à música (piano e teclado), ao motociclismo e praticou intensamente o tênis. Neste esporte conquistou o título de tricampeão mineiro, com direito aos troféus e às medalhas que hoje compõem o acervo da família.



OCTÁVIO FONSECA

(1893 – 1993)

Ele foi um mestre da fotografia, um comerciante bem sucedido e teve como *hobbies* criar orquídeas e pássaros, consertar relógios, colecionar objetos, empalhar animais, caçar e pescar.

Mineiro de Prados, ainda menino mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Era o segundo filho, entre os dez, de João Rodrigues Fonseca e Maria José Fonseca.

Durante a juventude começou a trabalhar como fotógrafo, adquirindo larga experiência nas mais respeitadas oficinas fotográficas da então capital do país.

A partir de 1917 morou em Belo Horizonte, fotografando para um renomado ateliê.

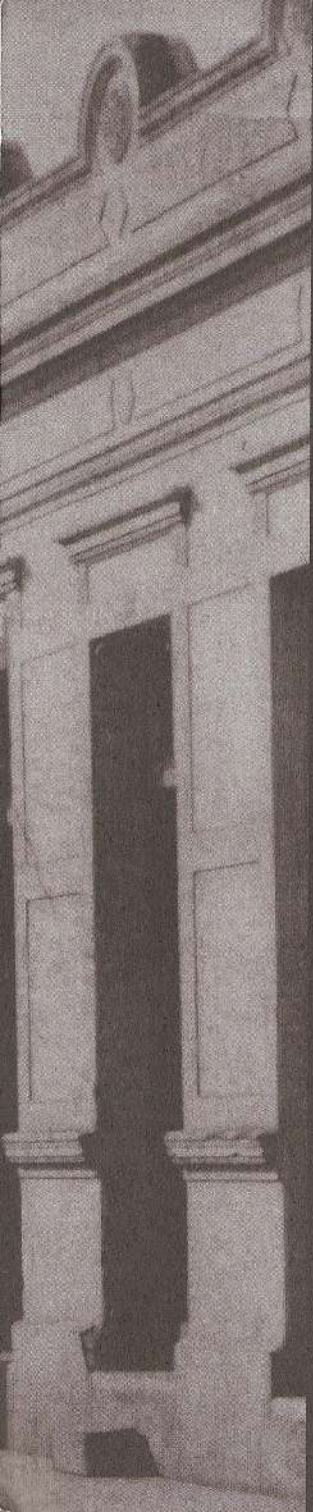
A atração pela vida no interior o trouxe a Araxá, onde chegou em 1921. Inaugurou seu primeiro estúdio, adotando novidades como fotografias esmaltadas, cartões-postais e belos cenários com paisagem de fundo e uso de objetos de adorno.

Ele não só registrou o cotidiano de Araxá, como também proporcionou a formação de muitos discípulos.

Aliou a fotografia à venda de vidros e quadros. Nascia, assim, o *Bazar Fonseca*, uma casa de artigos finos para presentes que, durante décadas, atraiu os consumidores locais e aqueles que visitavam a cidade e o Barreiro.

Outros atrativos levavam os turistas ao seu bazar-ateliê-residência: a criação de orquídeas e de pássaros. Como orquidófilo apaixonado, desde 1930, recebeu inúmeros prêmios e participou da fundação das Sociedades Orquidófilas de Belo Horizonte, São Paulo e Uberaba.

Foi casado com Orestina Valle Fonseca e teve 4 filhos: Gilberto, Vicente, Olívia e Maurício. Do segundo casamento com Lourdes Suely Fonseca teve Eduardo Alberto e Octávio Humberto.



PEDRO PEZZUTI

(1895 – 1960)

Sua história difere um pouco daquela vivida pela maioria dos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil para trabalhar nas grandes fazendas espalhadas pelo país. Médico formado pela Universidade de Nápoles, filho de Angelo Pezzuti e Carmela Bianchi, nasceu em Valle del'Angelo, província de Salerno, Itália.

A opção pela medicina havia sido decorrente da vivência, durante a juventude, como combatente na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Ferido, deixara clandestinamente os campos de batalha para evitar a amputação de uma das pernas. Depois de recuperar a saúde ingressou na universidade e, após obter o diploma de médico, retornou à linha de frente de combate. O dia-a-dia da guerra, trabalhando em hospitais improvisados, rendeu-lhe vasta experiência como cirurgião e conferiu-lhe a patente de capitão.

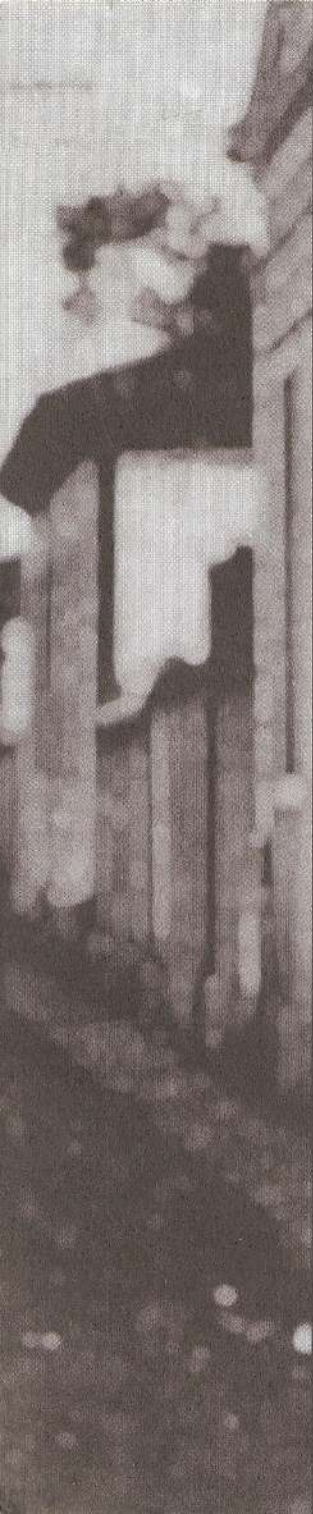
A referência que o trouxe ao Brasil em 1922 foi a presença do tio paterno, Cônego Pedro Pezzuti, em Araguari. Como médico veio para Araxá (cidade onde o tio já havia sido vigário da Paróquia de São Domingos por três vezes desde 1893) atender um imigrante italiano. Depois de realizar uma bem sucedida cirurgia, conquistou expressiva clientela.

Atento à nossa realidade, uniu-se ao Pe. André Aguirre, empenhando-se para que a Santa Casa de Misericórdia de Araxá exercesse sua real função de assistir os doentes necessitados. Ali trabalhou por 38 anos, tendo assumido o cargo de provedor entre 1949 e 1958.

A medicina foi para ele um sacerdócio e, para exercê-la como tal, lutou contra preconceitos culturais. Pela imprensa expressou seu pensamento sobre a política local e sobre o desenvolvimento econômico de Araxá. Ciente do potencial do Barreiro, publicou, em 1927, vários artigos sobre as propriedades terapêuticas das nossas águas.

Ingressou, ainda, no ramo da hotelaria construindo o "Hotel Araxá", logo em seguida vendido aos salesianos que ali fundaram o Colégio Dom Bosco. Escreveu mais dois livros, ambos com apurado estilo literário. *Pontos nos ii* (1955) é o relato de "toda a trajetória de sua luta contra a doença, os preconceitos e as misérias física e humana". Em *A Nova Marcha da Vida* (1962, obra póstuma) "expõe seu pensamento político-filosófico".

Perfeitamente adaptado à vida brasileira, preservou os costumes alimentares da terra natal, transmitindo-os aos seus descendentes. Foi casado com Tibúrcia de Ávila e teve 4 filhos: Suzana, Carmela, Ítalo e Ângela.



SEBASTIÃO DE AFFONSECA E SILVA

(1877-1968)

Sebastião de Affonseca e Silva foi um dos inúmeros descendentes desta família, hoje interligada a tantas outras como Porfírio, Porfírio Álvares Machado, Oliveira, Cunha Soares, Paula Nascimento, França e Braga de Araújo.

Para nós, pesquisadores, seu nome está registrado na categoria de “memorialista”. Apesar de não possuir formação técnica e de não poder contar com os atuais recursos usados em pesquisa, devemos a ele o trabalho pioneiro de reunir parte significativa da documentação histórica disponível sobre Araxá. São documentos oficiais, jornais, mapas, livros, fotografias, artigos manuscritos, datilografados e tantos outros publicados em jornais.

Hoje, a Fundação Cultural Calmon Barreto desempenha uma função institucional na preservação da memória histórica, antes exercida pelo memorialista.

É bem provável que a geração recente desconheça o motivo pelo qual Sebastião de Affonseca e Silva denomina uma grande avenida da cidade.

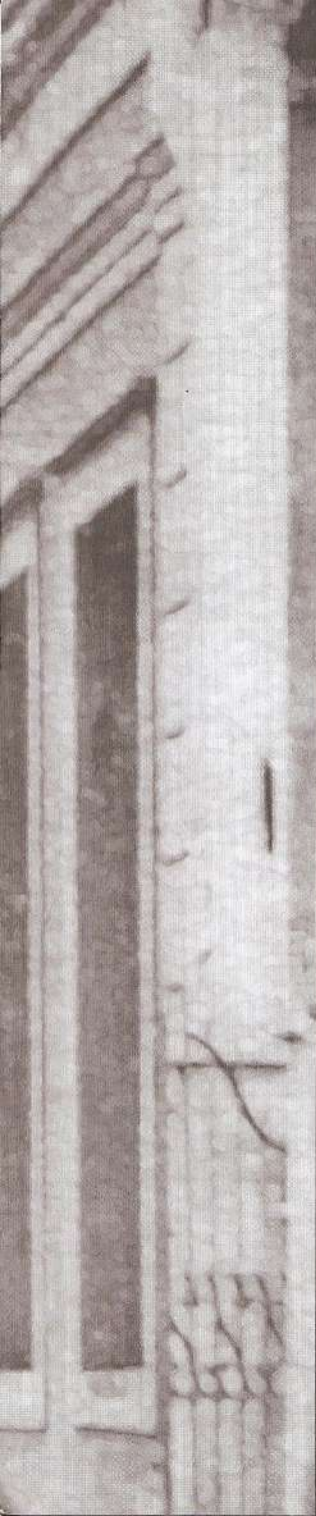
Araxaense, ele foi coletor municipal durante a primeira década do século vinte, período em que manteve contato com a documentação histórica oficial.

Ele foi proprietário da Farmácia São Sebastião a partir de 1911, quando obteve licença da Diretoria de Saúde Pública de Minas Gerais para exercer a profissão de farmacêutico, atividade desempenhada até 1926. Paralelamente, atuou como memorialista até o fim de sua vida.

Casado com Prozolina Porfírio Affonseca, ele teve 13 filhos: Sebastião, José Gaspar, Celidônio, César, Saul, Maria, Agar, Clélio, Filotéia, Filotéia, Jésus, Sebastião e Terezinha.

O arquivo histórico por ele organizado encontra-se na Fundação Cultural Calmon Barreto assim como o que se refere à vida e à obra de um de seus filhos, Dom José Gaspar, arcebispo de São Paulo, falecido em 1943.

Sebastião de Affonseca e Silva legou-nos manuscritos com diferentes temáticas sobre a história local, inclusive sobre genealogia. É de sua autoria exclusiva, um livro publicado em 1941 — *“Irmandade de São Francisco e São Sebastião”* — em que traça um “esboço religioso-histórico da Paróquia de São Domingos de Araxá”. Em 1946 teve uma obra publicada em parceria com Aires da Mata Machado Filho intitulada “História do Araxá”. “Subsídios para a História do Araxá e duas palavras sobre o Triângulo Mineiro” é o nome de outro trabalho publicado em co-autoria com Clodion Cardoso.



THEÓPHILO FERREIRA DOS SANTOS

(1879 - 1946)

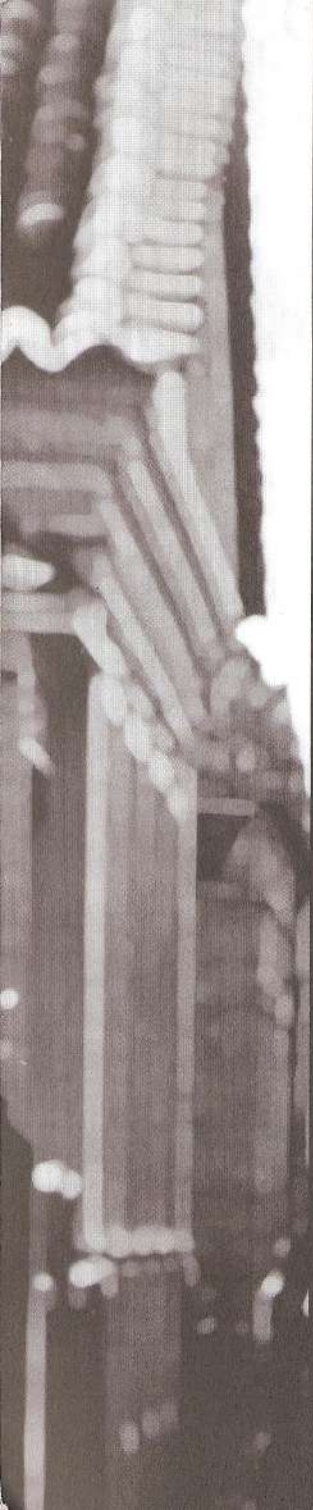
Seus pais, Francisco Veloso dos Santos e Júlia Carneiro dos Santos pertencem às mais antigas famílias de proprietários rurais que aqui se estabeleceram. Inicialmente, ao lado de seu irmão Francisco, fundou a firma *Santos & Irmão*, depois acrescida de Armando, sócio e também irmão.

Esta casa comercial funcionou entre 1908 e 1938. Representou um dos mais fortes e poderosos negócios que sustentou o desenvolvimento econômico de Araxá.

Dissolvida a grande firma, retornou às atividades agropecuárias. Na esfera pública, Theóphilo ocupou cargos como Juiz de Direito, Juiz de Paz e Juiz Municipal.

Casou-se com Alice Ribeiro dos Santos e teve 10 filhos: Enéias, Clarice, Rosalvo, Jaime, Iveta, Valdete, Maria, Arlete, Francisco Theóphilo e Irene. Viúvo, casou-se pela segunda vez com Maria do Rosário Santos, com quem teve os filhos Fábio, Márcia e Mirtes.

A Rádio Imbiara de Araxá fez o registro de seu falecimento — lamentado por instituições políticas, sociais e esportivas locais — lembrando a *Casa Santos & Irmãos*: (...) “Era ali que se tomava o pulso da vida econômico-financeira de Araxá”.



WALDIR LUIZ COSTA

(1917 - 1982).

Como muitos meninos que nasceram na pacata Araxá de 1917, ele viveu a infância brincando no Largo de São Sebastião e estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira.

Filho de Clarimundo Baptista da Costa e Dímpina de Paiva Teixeira, teve 8 irmãos: Francisco, José, Vantuir, Valter, Lília, Dalva, Dirce e Luzia.

Durante o curso ginasial no Colégio Dom Bosco, despertou a admiração do diretor, o Pe. Antônio Marcigaglia, que o levou para prosseguir os estudos no Lyceu Coração de Jesus, em São Paulo, onde também estreou como professor.

Ingressou na *Faculdade de Direito do Largo de São Francisco*, cursando até o 5º ano. Por motivos políticos teve cassados seus direitos estudantis depois do célebre episódio em que, simbolicamente, foi enterrado o ex-presidente Getúlio Vargas.

De volta a Araxá casou-se com Jovelina Alves Costa com quem teve 4 filhos: Vera Lúcia, Waldir Luiz, Maria Stuart e Isabel Cristina. Com a indicação do mesmo padre salesiano, assumiu a direção do Colégio Diocesano do Planalto em Formosa (GO).

Retornou à terra natal e aqui deu início à sua vida pública. Foi vereador, prefeito e diretor das Termas do Barreiro.

Em 1950 mudou-se para Goiânia onde novamente fez o curso de Direito, desta vez na Universidade Federal de Goiás.

A partir de então firmou-se como notável advogado, professor, escritor e jornalista. Assumiu cargos na Justiça do Governo de Goiás, lecionou nos ensinos secundário e universitário, defendeu teses, publicou inúmeros artigos, produziu obras sobre direito, administração e história.

Escreveu *Araxá, da maloca ao palácio*, um clássico da historiografia local. Doutor em direito e livre-docente, participou ativamente da vida goiana cujo povo lhe concedeu medalhas, diplomas, nomeou-o conselheiro de instituições diversas e elegeu-o imortal da Academia Goiana de Letras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARAÚJO, Fernando Braga de. *A Família Santos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.
- D'ÁVILA, Ângelo. *Dona Beja: a flor do pecado*. Brasília: Gráfica Valci Ed. Ltda., 1999.
- DRUMMOND, Dâmaso. *A Presença dos Drummond em Araxá*. Araxá: Gráfica CMA, s.d.
- MONTANDON, Frédéric J. *Les Montandon: Origine Histoire. Généalogie* Genève, 1913.
- VALLE, Jairo Rodrigues. *Família Rodrigues Valle: Genealogia, Fatos e Comentários*. Rio de Janeiro, s.d., 116 p.

FONTES:

Arquivos do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto.

- O Trem da História. n. 04, jan/fev mar/1992. p.05.
- O Trem da História. n. 08, jan/mar/1993, pp. 03 e 04.
- O Trem da História. n. 10, jul/ago/set/1993, p. 03.
- O Trem da História. n. 15, out/nov/dez/1994, pp. 09-14.
- O Trem da História. n. 19, jan/fev/mar/1996, p. 03.
- O Trem da História. n. 21, jul/dez/1996, p. 03.
- O Trem da História. n. 27, out/dez/1998, p. 03.
- O Trem da História. n. 28, jan/abr/1999, pp. 06-09.
- O Trem da História. n. 29, dez/1999, pp. 05 e 06.
- O Trem da História. n. 31, dez/2000, pp. 14-16.

AGRADECIMENTO

Às famílias que aderiram ao projeto Lugar de Memória

DEPOIMENTOS ORAIS E ESCRITOS:

Agnelo Guimarães Borges, Ângela Maria Amâncio, Antônio Celso Teixeira, Beatriz Magalhães Aguiar, Cátia Maria Lemos Melo Zema, Cecília Beatriz Pereira Porfírio Rosa, Célio Vieira Borges, Celme Cunha Drummond, Celso de Jesus Castro, Cristóvão Anchieta de Paiva, Domingos Santos, Dr. Avenor Augusto Montandon, Dr. José Maria Santos, Dr^a. Hilda Tallarico, Egydia Guimarães Fonseca, Emílio Neumann, Francisco Theóphilo dos Santos, Geraldo Magela, Henri César Afonso, Ilka Affonseca Nesralla, Iracema Duarte Guimarães, Irany Afonso França, *Irmãos Perfeito*, Isa Braga de Souza, Isabel Maria Tannús, Ivone Akel, Jair Cristino Silva, José Parolini, José Pedro Pezzuti de Aguiar, Josina Lemos de Oliveira Passos, Juarez França, Julieta Zema, Lourdes Zema, Lygia Cardoso Maneira, Magaly Cunha Porfírio, Margarida Francisca Borges, Maria Ângela de Azevedo Bittar, Maria Auxiliadora Pereira de Rezende, Maria Bernadete de Paiva, Maria Conceição Melasippo, Maria Dora Drummond de Paula Lemos, Maria José de Castro, Maria José Magalhães de Aguiar, Maria Lizette Lemos Passos Oliveira Santos, Maria Lúcia Santos Zema, Maria Tereza de Castro, Mariana Teixeira, Marilda Valle Scarpellini, Milton Tomasovich Júnior, Neyde Fonseca Vieira, Ondina de Abreu Tomasovich Neuppmann, Pe. Henrique Ribeiro de Brito, Paulo César Afonso, Paulo de Tarso Machado, Paulo Márcio Ferreira, Regina Santos de Ávila, Renato Pereira Goulart, Ronaldo Santos, Santina Adelaide Neumann, Terezinha Lemos, Vera Lúcia Costa, Wilson Pinheiro dos Santos, Yolanda Colombo.

Biblioteca _____
Origem Doação (FCCB)
Valor _____
Data 14/01/2005



Antiga rua Boa Vista, hoje Presidente Olegário Maciel. Década de 30.
Arquivo SAPP/FCCB-01665 (Doação: Dalva Salerno).

R. 25080

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

<<VIRIATO CORREA>>

ARAXÁ-MG

Porfírio, Magaly Cunha

AUTOR

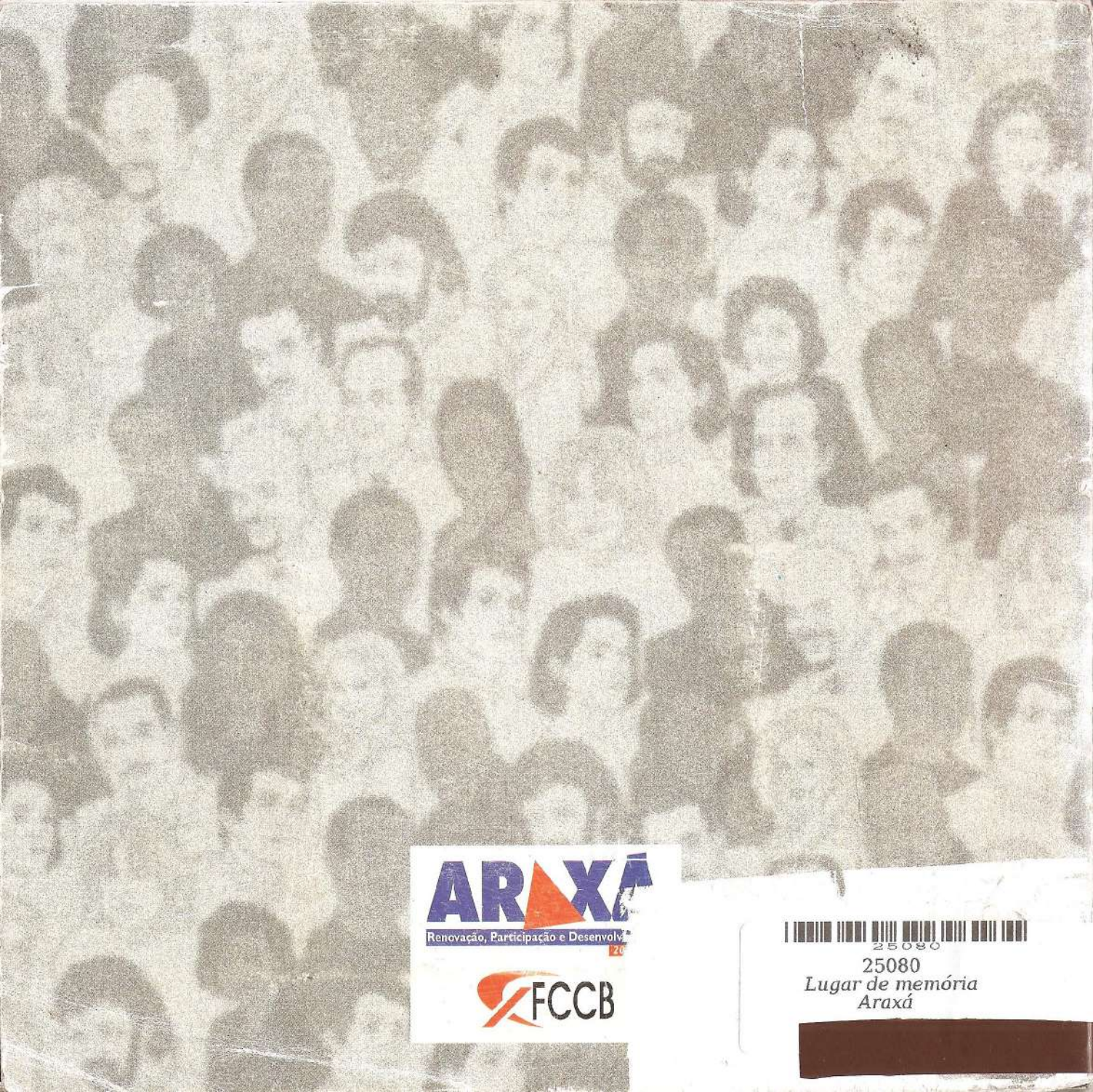
Lugar de Memória

TÍTULO

DEVOLVER EM

ASSINATURA DO LEITOR

Nº



ARAXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento

 **FCCB**



25080

25080
Lugar de memória
Araxá

